Revista Internacional de
RIE
Espiritismo
Ano CI – n. 7 – Matão, agosto de 2026 – R$ 15,00

A alma no ofício

"Senhor, que queres que eu faça?" — a tarefa espírita e a pergunta de Paulo

ISSN 1516-2605

O HOMEM E SEUS MEDOS

Temos de despertar a nossa força interna, que é espiritual, e os medos, com suas consequências maléficas, ficarão sepultados no passado

FILHO DE DAVI

Título atribuído a Jesus é relevante no contexto histórico e religioso do judaísmo, mas não esgota a compreensão da natureza do Mestre Nazareno

SONHOS INSTRUTIVOS

Relato curioso de Kardec mostra quão intensa é a atividade espiritual para os verdadeiramente interessados e dedicados a trazer melhorias para a vida material

Revista Internacional de Espiritismo

Edição de agosto/2026

Copyright © 2026 *by*

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Fundador: Cairbar de Souza Schutel (1868-1938)

Diretor Presidente: José Luiz A. Marchesan

Editor-chefe e Jornalista Responsável: Cássio Leonardo Carrara | MTB 73452/SP

Revisão: Cássio Leonardo Carrara

Capa: César França de Oliveira

Diagramação: Equipe O Clarim

ISSN: 1516-3695

Assinatura por 1 ano (12 edições):

- Impressa: R$ 145,00

- Digital: R$ 57,00

Número avulso: R$ 15,00

Administração e redação: Rua Rui Barbosa, 1070 - Cx. Postal 09 CEP 15990-903 - Matão, SP, Brasil - Fones: (16) 3382-1066/3382-1471

A RIE é uma propriedade do Centro Espírita O Clarim

CNPJ: 52313780/0001-23

Inscrição Estadual: 441002767116

Relacionamento: www.oclarim.com.br; oclarim@oclarim.com.br

Facebook, YouTube e Instagram: Casa Editora O Clarim

WhatsApp: (16) 99270-6575

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da revista.

A cegueira de um Espírito

Editorial

| **Redação** | oclarim@oclarim.com.br

As dissertações de casos reais que compõem a segunda parte do livro *O Céu e o Inferno*, que completa 161 anos de lançamento no corrente mês, são muito instrutivas. Elas nos permitem compreender como se desencadeia a Lei de Causa e Efeito de uma maneira prática e direta, algo que a teoria, pura e simples, muitas vezes não permite dimensionar.

Um desses relatos é o de Joseph Maître — o que encerra o livro —, no capítulo sobre expiações terrestres. Maître desencarnara em 1845, por volta dos 50 anos, cego e surdo — ficara cego aos 20 e surdo na casa dos 40. Foi descrito como de uma conduta "sempre exemplar; era bom filho, de um caráter doce e benevolente", e ao ver-se também privado da audição, "aceitou essa nova prova com resignação, e nunca o ouviram murmurar uma queixa".

Não bastasse a especulação do que ele poderia ter feito para merecer essa triste sina, seu relato mediúnico ainda acrescentou a informação de que aquela fora sua segunda existência com privação da visão. Nessa oportunidade, ficara cego aos 30 anos devido a excessos de todo gênero, mas culpou a Providência, e revoltando-se diante da privação dos prazeres que se impusera, atentou contra a própria vida. E qual não foi sua surpresa ao ver-se cego também no mundo espiritual!

O Espiritismo desmonta uma ilusão muito comum: a de que a morte, por si só, resolve todos os problemas que enfrentamos aqui na Terra. Muitos imaginam, com a restrita visão materialista, que basta abandonar o corpo para que desapareçam instantaneamente as dores, os conflitos e as limitações. No entanto, ainda que a morte transforme a condição do ser, não modifica de imediato a sua realidade moral.

Arrependido e orando com fervor, Maître foi socorrido por Espíritos benevolentes, que o orientaram a provar a sinceridade de seu arrependimento. Ele compreendeu que precisaria expiar novamente, em condições mais rigorosas que as de sua última reencarnação, aceitando resignadamente as limitações que experimentaria. "O isolamento em que fiquei nos últimos anos não foi nada desesperador, porque eu tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus; foi muito proveitoso, pois durante essa longa noite, em que tudo era silêncio, minha alma, mais livre, se elevava para o Eterno, e entrevia o infinito pelo pensamento. Quando veio o fim do meu exílio, o mundo dos Espíritos não teve para mim senão esplendores e inefáveis prazeres", ele descreve.

As maiores prisões não são feitas de paredes ou de limitações do corpo. São construídas pelo orgulho, pela revolta, pela descrença e pelo egoísmo. E essas prisões acompanham o Espírito, porque fazem parte de sua condição interior. A restituição da visão a Joseph Maître não foi um prêmio arbitrário, mas uma consequência da mudança de disposição, de sua transformação íntima.

Todos experimentamos, de uma forma ou de outra, alguma cegueira espiritual. É preciso que entendamos por que ela se manifesta, trabalhando para superá-la, sem revolta, sem desculpas. E, mais importante, não esperar para agir no mundo espiritual, quando descobriremos quem somos e o que fizemos. O trabalho de abrir os olhos começa agora.

A alma no ofício

Carta ao Leitor

| **Redação** | oclarim@oclarim.com.br

Trabalho e tarefa parecem sinônimos, mas têm significativas diferenças conceituais no contexto espírita. “O trabalho espírita designa toda ocupação útil orientada pelo bem (...). A tarefa espírita tem sentido mais exigente. Ela não é a ação útil praticada ocasionalmente, mas o compromisso assumido com determinada atividade de serviço (...).”[1]

No entanto, só o compromisso regular e disciplinado não garante que a tarefa exerça seu papel benfeitor. É preciso que ela esteja imersa de sentido, humildade e abnegação, do contrário, corre o risco de tornar-se vazia. Além do mais, seu grau de importância não pode estar atrelado à hierarquia de um cargo, tampouco à sua visibilidade perante os frequentadores do centro espírita.

“[A tarefa espírita] define-se pela utilidade moral, pela intenção, pela responsabilidade e, sobretudo, pela alma colocada no ofício. A tarefa invisível não é automaticamente mais pura por ser invisível: ela também pode ser atravessada por ressentimento, orgulho silencioso ou recusa disfarçada de servilidade. Do mesmo modo, a tarefa pública não é automaticamente vaidosa: pode ser profundamente caridosa quando nasce da responsabilidade, da preparação e do desejo sincero de servir.”[1]

Nesse sentido, a experiência de Saulo de Tarso na estrada de Damasco tem grande valor pedagógico. Zeloso e com fervor genuíno, orientava sua tarefa a partir de compreensão equivocada. “A cegueira de Saulo não era moral, mas espiritual — e por isso mesmo mais perigosa.”[1]

A partir do encontro com o Mestre e da transformadora pergunta — *Senhor, que queres que eu faça?* —, há uma virada de chave, de essência, que permite a manifestação de uma nova personalidade, traduzida na figura do emergente Paulo. “Depois do encontro, Paulo passa a trabalhar como resposta a um chamado. A ação deixa de ser afirmação de si e passa a ser cooperação com algo maior do que ele.”[1]

É com este espírito de contribuição a uma causa maior que somos chamados a agir. Qualquer personalismo deve ser deixado de lado para que a tarefa prevaleça e alcance a sua finalidade — o bem —, sem vaidade ou conveniência. “O trabalhador é vaso de barro, e a tarefa não o torna grande. Mas o tesouro que ele se dispõe a carregar dá grandeza ao serviço.”[1]

1. Trecho extraído da matéria de capa desta edição: *A alma no ofício: a tarefa espírita e a pergunta de Paulo*, de Edgar Silva dos Anjos.

O ouvido absoluto

Ponto de Vista

| **Ricardo** Orestes Forni | ricardoforni67@gmail.com

Existe uma habilidade muito rara no campo da música denominada ouvido absoluto. Essa capacidade permite identificar ou reproduzir notas musicais sem referência externa. É um fenômeno raro. Estima-se que apenas uma em cada 10.000 pessoas (0,01%) possua ouvido absoluto.

O ouvido relativo treinado reconhece a relação entre os sons. Já o ouvido absoluto permite perceber cada som isoladamente, tornando possível detectar qualquer nota musical incorreta em um conjunto de instrumentos. Maestros dotados dessa capacidade auditiva conseguem, entre os diversos instrumentos de uma orquestra, distinguir imediatamente a nota que destoa da harmonia do conjunto.

Mas como o assunto é Doutrina Espírita, aplicaremos esse conceito ao campo da moral evolutiva dos Espíritos.

Nosso maestro maior foi — quando esteve entre nós em um corpo físico — e continuará sendo Jesus. Não importa que o dirigente espírita ou o médium que admiramos cometa deslizes, porque nossa referência é e será sempre Jesus. Não deve importar ao católico, cuja referência também é Jesus, se algum padre se equivoca, pois ele está lutando com as suas dificuldades, assim como nós. Se o pastor das religiões evangélicas sofre quedas, isso não deve importar aos seus seguidores, porque o maestro moral de todos nós segue sendo Jesus. Ele tem o “ouvido absoluto” no campo moral da existência.

Os instrumentistas que almejam alcançar um nível de excelência capaz de lhes permitir realizar concertos de alto padrão, mas que não possuem ouvido absoluto, somente atingem esse objetivo com várias horas diárias de estudo, durante longos períodos, em um processo contínuo. Da mesma forma, nós que engatinhamos com muitas dificuldades para o treinamento do nosso “ouvido” moral, temos de nos dedicar às inúmeras reencarnações para conquistar esse objetivo.

A data em que fomos criados se perde na incógnita do tempo, mas conhecemos a vontade do Criador: que todos os seus filhos atinjam a perfeição, ou seja, o “ouvido” moral absoluto, capaz de identificar tudo aquilo que nos afaste das Leis Divinas, quando enveredamos pelos inúmeros caminhos dos desacertos em razão da fragilidade “auditiva” moral que tanto ainda nos restringe no exercício correto do livre-arbítrio.

De vez em quando, outros “ouvidos” absolutos passam pelo planeta, sempre inferiores se comparados ao Maestro Jesus, mas que nos sinalizam a possibilidade de crescer sempre um pouco mais, de dar um passo adiante em direção ao cumprimento da meta, que é a perfeição. São muitos, e cometeríamos alguma injustiça citando-os, mas podemos mencionar João, o

Evangelista, o discípulo amado de Jesus, entre tantos outros vultos que, em relação à nossa pequena capacidade “auditiva” no campo da moral, já possuem o ouvido absoluto.

Como sugestão, trago página do livro *Contém Vida*, do Dr. José Carlos De Lucca, sob o título “Dores que se repetem”: “Há que se aprender com as experiências de vida, sobretudo com aquelas que nos trouxeram dificuldades e dores. Os problemas giram em torno de nossas necessidades de evolução. A vida é uma escola, e, no conhecimento do nosso mundo íntimo, vamos encontrar as principais lições que muitas vezes nos recusamos a enxergar. Por isso, vivemos repetindo as nossas dores enquanto não tivermos o propósito de curá-las. Ouvir o nosso mundo íntimo faz com que a vida deixe de ser repetitiva, faz com que cada um a renove todos os dias, escolha novos caminhos, desapegue-se de suas dores, exorcize seus fantasmas.”

Praticando essas orientações, procuremos imaginar-nos sentados diante de um instrumento musical, como o estudante que, durante horas diárias e ao longo de muitos anos, dedica-se incansavelmente ao estudo, perseguindo o ideal do virtuosismo.

Se o nosso Maestro Jesus, ao dizer que somos deuses (Evangelho de João, 10:34), afirmou que poderíamos alcançar o estágio do “ouvido” moral absoluto, é porque de fato isso é possível. As horas de estudo para tal objetivo serão as incontáveis reencarnações que ainda teremos de experimentar para não desafinar na Orquestra da Vida!

Rir e evoluir: o humor como caminho da compreensão

Com bom humor, novo livro explora curiosas situações vividas no dia a dia do centro espírita, mostrando que é preciso acolher com empatia e esclarecer com responsabilidade

| **Cássio** Leonardo Carrara | cassio@oclarim.com.br

Natural de Campinas, no interior paulista, Rosa de Fátima Nilson Benatti é formada em Letras (Português-Inglês), com MBA em Comércio Exterior, Tradução. Atualmente, trabalha como tradutora *freelance* e é professora de Gerenciamento de Projetos. Reside em Ribeirão Preto há dois anos, onde atua como expositora voluntária de cursos e palestras na região. Filha de Teddy Nilson, autora e tarefeira espírita desencarnada em 2018, aos 85 anos, com atuação expressiva no Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas, onde pareou

ações com a saudosa oradora, escritora e educadora espírita Therezinha Oliveira. Neste bate-papo, Rosa fala o recém-lançado livro de Teddy Nilson, ***Rir e Evoluir — Histórias inusitadas e bem-humoradas da vivência espírita***, organizado pela nossa entrevistada, que reúne, capítulo a capítulo, histórias vividas na atuação de sua mãe na seara espírita. São situações corriqueiras, contadas com bom humor e enriquecidas com apontamentos doutrinários, que expõem dúvidas comuns a muitos recém-chegados, esclarecem estudiosos iniciantes e experientes, e nos afastam do misticismo e do fanatismo que ainda caracterizam muitos espíritas.

RIE. Como se deram seus primeiros contatos com o Espiritismo?

Rosa Benatti. Sou espírita desde os 7 anos de idade, após a desencarnação do meu pai, que ocorreu repentinamente. Antes disso, minha avó e minha mãe frequentavam casas espíritas esporadicamente, sem ligação maior.

RIE. Rosa, para quem ainda não a conhece, conte-nos quem foi sua mãe, Teddy Nilson, e quais atividades desenvolveu na tarefa espírita.

Rosa. Minha mãe ficou viúva aos 27 anos de idade e procurou o Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas, para conseguir contato com o meu pai recém-desencarnado. Foi atendida pelo Sr. Gustavo Marcondes, fundador daquela casa, que a atendeu carinhosamente e lhe deu conselhos. Perspicaz como era, o Sr. Gustavo logo identificou que a minha mãe gostava de ler e passou a lhe emprestar livros espíritas para consolo. Toda semana ela retornava para devolver os livros e perguntava se o meu pai tinha enviado alguma carta. O Sr. Gustavo sempre dizia que não e lhe dava mais livros para ler. O tempo foi passando e ele a aconselhou a inscrever a mim e ao meu irmão, que na época tinha 5 anos, na educação infantil. Ela nos levava ao centro todos os domingos e, enquanto ficávamos na educação infantil, ela assistia às palestras no salão. Assim foi interessando-se pelos temas e se tornou uma das primeiras voluntárias da área assistencial, trabalhando na costura, no cuidado com as crianças semi-internas e passou a fazer parte da diretoria assistencial. Realizou essa tarefa por muitos anos até bem próximo da sua desencarnação, aos 85 anos de idade.

RIE. Como era a relação dela, e a sua, com Therezinha Oliveira?

Rosa. Como tivesse aparência de muito jovem e por assistir às palestras aos domingos sempre sentada nas primeiras fileiras, Therezinha Oliveira convidou-a a fazer parte da mocidade espírita, em que era presidente. Minha mãe só ponderou que não era tão jovem, que já era até viúva e com dois filhos pequenos. Uma amizade muito profunda se iniciou entre elas. Passados alguns anos e já como instrutora do curso de Estudos sobre Mediunidade, adaptou um método de desenvolvimento mediúnico na casa que surtiu excelentes resultados. Sabedora do sucesso, Therezinha a convidou para ser coautora em um dos seus livros da coleção de cursos — *Orientação Mediúnica* —, que passou a ser adotado em várias casas.

RIE. Em seu novo livro, Teddy Nilson traz crônicas inusitadas e bem-humoradas que descrevem a realidade vivida em muitos centros espíritas. Foram histórias vividas por ela? Como foi o trabalho de reunião desta coletânea?

Rosa. Teddy sempre foi uma pessoa muito observadora e bem-humorada. Tudo o que acontecia ao seu redor virava história e ela não perdia nenhuma oportunidade. As histórias que

contou desde o seu primeiro livro (*Histórias bem-humoradas — ensinamentos espíritas*) foram vividas e presenciadas por ela, tanto na vida privada como dentro da casa espírita. Durante as décadas em que foi voluntária, passou por várias áreas, como recepcionista, entrevistadora, dialogadora, preletora, instrutora de cursos, coordenadora do curso de estudos sobre mediunidade. Para amenizar o temor dos médiuns iniciantes, utilizava-se de histórias para exemplificar e descontrair as pessoas. As histórias ficaram tão famosas, que vários outros instrutores passaram a usá-las e, então, a casa resolveu convidá-la para que as registrasse em livro. Os casos contidos neste novo livro foram publicados na revista *Fidelidade Espírita* e vários outros escritos por Teddy nos seus últimos dois anos de vida, quando não mais podia locomover-se até o centro. Estavam gravadas na sua memória e ela não mais parou de anotá-los em vários cadernos pessoais. Reunidos, formaram este novo livro.

RIE. Qual a importância em adotar um tom bem-humorado para esclarecer e, ao mesmo tempo, encontrar um ponto de equilíbrio, evidenciando a seriedade que se deve ter no estudo do Espiritismo?

Rosa. O estudo do Espiritismo não precisa ser soturno, pesado e rígido. Aprende-se muito mais com um tom leve e descontraído, recheado de exemplos e histórias que ficam retidos na memória. Todos os casos relatados por Teddy são curiosos, mas respeitosos e sempre acompanhados de uma conclusão moral e de acordo com a Doutrina Espírita.

RIE. Observa-se o didatismo da autora para esclarecer visões místicas dos recém-chegados a um centro espírita. Você considera que o movimento espírita, em geral, tem sido exitoso em esclarecer o que é de fato o Espiritismo?

Rosa. Pela minha experiência junto ao Espiritismo, nem sempre as casas esclarecem sobre o Espiritismo e principalmente sobre a mediunidade. Certamente existem excelentes casas pelo país, mas ainda se observa, em algumas delas, a influência de outras religiões e de movimentos paralelos, reflexo do conhecimento ainda insuficiente de certos dirigentes. Não basta ter livros espíritas em exposição na entrada do centro e título na entrada de centro espírita. É preciso aprofundar-se no estudo das obras básicas, preparar-se para exposições em público, praticar a moral preconizada dentro e fora do centro e libertar-se da superstição e fanatismo que ainda dominam muita gente.

RIE. Entre as histórias descritas, alguma que gostaria de destacar?

Rosa. Todas as histórias trazem ensinamentos edificantes e são interessantes. Alguma pode atrair mais ou menos dependendo do ponto de vista de cada um. Particularmente, aprecio muito as seguintes, cujos detalhes podem ser conhecidos com a leitura do livro: “O bilhete de loteria” — fato vivenciado por ela própria e que divertiu a família toda; “Ir ao banheiro antes do passe?” — típica situação de crendice que aparece nos centros espíritas e que ocorreu com Teddy quando ela era recepcionista do centro; “A astúcia do caipira” — um caso que lhe contaram e que repetia em aulas e preleções ao comentar passagens evangélicas.

RIE. O que o leitor pode esperar com a leitura deste livro, ***Rir e Evoluir — Histórias inusitadas e bem-humoradas da vivência espírita***?

Rosa. Muita reflexão e alegria sadia. Que os leitores possam utilizar as histórias para

benefício próprio, compartilhando-as em exposições de aulas, preleções e palestras para descontrair e instruir.

RIE. Por favor, deixe-nos suas considerações finais.

Rosa. Sempre senti muito orgulho da minha mãe. Além da oportunidade da vida, aprendi muito com os seus exemplos de honestidade, dedicação e sororidade, pois era mulher de fibra e muito corajosa. Fico imaginando o que deve fazer lá do outro lado da vida. Será que anda a fazer muita gente rir? Será que tem conversado com recém-desencarnados, como gostava de fazer nos trabalhos mediúnicos? Será que anda cuidando de vítimas de doenças e acidentes, como fazia quando trabalhava como enfermeira nos hospitais terrenos? Para preservar um pouco da sua influência é que dedico esta homenagem ao reunir as suas lembranças em mais este livro. Tenho certeza de que muito virá a somar ao entendimento do Espiritismo. Obrigada pela oportunidade! Divirtam-se!

A caminho de Yverdon

Fotos, Fatos e Documentos Espíritas

| **Pedro** de Campos | pedrocap0402@gmail.com

Château de Yverdon – Instituto Pestalozzi onde estudou o jovem Rivail. CantonDeVaud.

Naqueles dias, com certeza, Hypolite se lembrou de que estava para mudar de escola — achava-se no fim do primeiro ciclo fundamental. Em alguns dias estaria na Suíça com a mãe e o tio para ingressar no afamado Instituto Pestalozzi.

A escola era num antigo castelo medieval em Yverdon-les-Bains, na ponta sul do admirável lago Neuchâtel, ao norte da cidade de Lausanne, que fica à beira do mais afamado lago da Europa, o Léman, conhecido também como lago Genebra, recantos de uma beleza natural exuberante.

No dia anterior à partida, fazendo as vezes do pai, o tio François com certeza lhe dissera: “Vais encontrar ali um mundo novo, outro país, uma nova língua, outros professores e novos colegas. Terás de adaptar-te aos poucos, mas não te preocupes, porque tua mãe estará sempre ao teu lado; e eu, sempre que puder, irei para passarmos uns fins de semana.” Uma mudança assim ficaria na memória, estimulando o jovem na adaptação aos novos lugares e às novas situações; embora, por vezes, não houvesse como conter as lágrimas silenciosas da saudade.

Mas o tempo sempre se encarrega de achar na mente um lugar para acomodar tudo e abrigar nos recantos da memória um hábito de vida que cultive outros momentos felizes. No dia seguinte, a família pegou a diligência e seguiu ao destino. Para Hypolite, tudo na viagem era agradável surpresa. Por certo, não se desligou um só minuto de suas ilusões de jovem pré-adolescente, pensando no futuro que lhe esperava e nos sonhos que abrigava. Deixava agora o aconchego doméstico e não sabia ao certo o que haveria de encontrar naquela cidade distante. Agora, o poema do lar, os cuidados da querida avó Charlotte e da tia Marie Louise ficariam

longe; somente nas férias, ainda distantes, poderia retornar para matar a saudade que já lhe apertava o peito por antecipação.

Ao longo da viagem, o jovem via o passar das horas, assistia ao levante do sol que acendia a promissora manhã, transitava ardente no céu e, à tarde, engrinaldava o horizonte de vasta púrpura dourada, anunciando o crepúsculo. A paisagem campesina se alterava com ondulações cada vez mais elevadas até surgirem os cumes eternamente brancos dos Alpes. A diligência seguia célere, fazendo a emotividade suspirar de emoção, enquanto as lágrimas de saudade, chegadas antes da hora, eram contidas abafando o soluço.

Anos mais tarde, Hypolite haveria de recordar-se de quando chegou a Yverdon, cidade onde a maioria falava alemão — ainda bem que alguns falavam francês. As novidades para ele estavam apenas começando.

Pedro de Campos é autor de “Cidadão Rivail – Raízes e Vida de Allan Kardec” e de “Nóbrega, encarnação de Emmanuel” (Ed. O Clarim).

Liderança, serviço e regeneração

Cairbar Schutel, governança moral e continuidade da obra espírita

| **Hélio** Abreu Filho | helioabreufilho@gmail.com

A prova mais segura da maturidade de uma instituição não está
em sua dependência de figuras fortes, mas em sua capacidade de continuar fraterna, fiel e operante sem elas

Este artigo desenvolve o desdobramento institucional da educação integral no contexto espírita, examinando a liderança à luz da impessoalidade do serviço, da humildade e da formação de continuadores. A reflexão aproxima o legado de Cairbar Schutel do pensamento de Kardec e de Herculano Pires, destacando que a autoridade, no centro espírita, só se legitima quando vivida como responsabilidade moral e ministério de serviço. Defende-se que uma governança inspirada no Evangelho pode preservar as instituições da centralização, da vaidade e da dependência excessiva de personalidades, favorecendo a continuidade fraterna da obra e sua fidelidade doutrinária.

Liderança como desdobramento da educação integral

Se o centro espírita é escola de almas, a liderança nele exercida não pode ser compreendida nos moldes comuns da posse, da centralização ou da afirmação pessoal. A autoridade, em ambiente espírita, precisa nascer da responsabilidade, da coerência moral e da disposição para servir. Não basta administrar: é preciso formar. Não basta coordenar: é preciso inspirar paz, confiança e crescimento interior.

A educação integral conduz naturalmente a essa compreensão. Quem aprende a ver a instituição como espaço de renovação íntima percebe que toda função de relevo traz deveres morais acrescidos. Coordenar é carregar maior responsabilidade; não desfrutar maior prestígio. Dirigir é, antes de tudo, guardar a atmosfera fraterna da casa, proteger a fidelidade doutrinária e favorecer o crescimento dos demais trabalhadores.

Nessa perspectiva, a liderança espírita só é legítima quando se reconhece transitória, funcional e desinteressada. A obra é maior do que os homens. Nenhum cargo confere superioridade espiritual; nenhuma função autoriza apropriação da Doutrina. Sempre que a autoridade se personaliza em excesso, o ambiente adoece. Sempre que se espiritualiza como serviço, a instituição se fortalece.

Cairbar Schutel e a impessoalidade do serviço

O pensamento e o exemplo de Cairbar Schutel oferecem preciosa luz a essa questão. Sua trajetória de trabalhador e divulgador espírita evidencia que o verdadeiro líder não se impõe pela retenção do poder, mas pela capacidade de abrir caminhos. A obra cresce quando a pessoa não ocupa o lugar da Doutrina, mas se põe a serviço dela.

Essa lição é simples e profunda. Há quem sirva ao ideal; há quem se sirva dele. O primeiro alegra-se ao ver outros crescerem, amadurecerem e assumirem responsabilidades. O segundo teme a renovação, porque necessita conservar centralidade. A educação integral tem justamente o dever de formar corações capazes de distinguir essas duas atitudes, favorecendo a primeira e desarmando a segunda).

Schutel ajuda a compreender que impessoalidade não é frieza. É pureza de intenção. Servir sem apropriar-se da obra, orientar sem sufocar a iniciativa alheia, divulgar sem monopolizar a palavra, conduzir sem vaidade: eis expressões elevadas de maturidade espiritual. Toda casa que deseja permanecer fiel ao Cristo e à doutrina precisa aprender essa pedagogia do desprendimento.

Governança moral e fidelidade doutrinária

As instituições espíritas necessitam de organização. Precisam de planejamento, clareza, distribuição de tarefas e responsabilidade administrativa. Nada disso é incompatível com o Evangelho. O problema surge quando a técnica ocupa o lugar do Espírito, ou quando a eficiência externa é buscada à custa da fraternidade. Nesse caso, a casa talvez funcione; mas já não educa do modo como deveria.

A governança moral propõe outro caminho. Ela une ordem e ternura, clareza e humildade, disciplina e escuta. Não elimina a autoridade; purifica-lhe o sentido. Quem coordena deve ser o primeiro a cultivar transparência, desapego, capacidade de ouvir e disposição para aprender. O poder, no centro espírita, não é privilégio; é dever. A função não existe para separar pessoas, mas para harmonizar esforços.

J. Herculano Pires lembrava que a casa espírita não pertence ao dirigente, ao expositor, ao médium ou ao grupo mais antigo; ela existe para servir. Esse princípio deve repercutir na organização inteira. Uma governança moralmente inspirada não teme partilhar responsabilidades, formar novos trabalhadores e preparar continuadores. Ao contrário, entende que essa abertura é sinal de saúde institucional.

Continuidade da obra e formação de continuadores

A prova mais segura da maturidade de uma instituição não está em sua dependência de figuras fortes, mas em sua capacidade de continuar fraterna, fiel e operante sem elas. Quando uma casa depende excessivamente de um nome, ainda não amadureceu. Quando consegue manter-se viva pela cooperação, pelo estudo, pela humildade e pelo amor ao bem, alcança maior equilíbrio espiritual.

A educação integral possui, então, uma função preventiva decisiva: preparar continuadores. Isso significa ensinar, confiar, repartir tarefas, acompanhar sem controlar em excesso e corrigir sem humilhar. O verdadeiro dirigente não procura perpetuar-se no cargo; procura perpetuar o espírito do serviço. Seu êxito não está em tornar-se indispensável, mas em ajudar a instituição a permanecer saudável sem depender dele.

Essa visão é profundamente evangélica. Jesus não formou servos dependentes, mas continuadores. Não reteve a verdade como posse; difundiu-a. Não concentrou tudo em si; multiplicou nos corações. Qualquer liderança espírita que deseje ser cristã precisa guardar esse modelo íntimo de desprendimento e fecundidade.

A instituição como semente de regeneração

Quando a liderança se deixa educar pelo espírito do Evangelho, a instituição se torna mais leve, mais fecunda e permanece fiel à sua finalidade. O serviço deixa de ser peso e transforma-se em alegria moral. A convivência deixa de ser mera tolerância e se converte em fraternidade operante. A organização deixa de ser simples manutenção da rotina e passa a constituir espaço de aperfeiçoamento coletivo.

A regeneração institucional começa pela regeneração das intenções. Muitos conflitos desgastantes nascem menos da falta de conhecimento do que da insuficiência de humildade. Por isso, qualquer projeto de organização espírita que ignore o trabalho moral sobre o caráter estará sempre ameaçado. Sem reforma íntima, até boas estruturas se deterioram; com reforma íntima, mesmo recursos modestos podem florescer.

Essa perspectiva não desconhece as dificuldades do mundo presente. Ao contrário, reconhece limites, cansaços e imperfeições. Mas, exatamente por isso, insiste na necessidade de caminhar sem desânimo, corrigir sem ferir e perseverar sem endurecer. A governança moral não é ingenuidade; é disciplina interior aplicada à convivência.

Conclusão

A educação integral, levada às últimas consequências no campo institucional, conduz a uma liderança impessoal, servidora e moralmente responsável. Ela impede que o centro espírita se converta em estrutura vazia ou em reduto de vaidades. Recorda, ao contrário, que a obra deve permanecer viva, aberta, fraterna e fiel ao bem.

À luz de Kardec, Herculano Pires e Cairbar Schutel, pode-se afirmar que o verdadeiro êxito de uma instituição espírita não está na longevidade de um nome, mas na capacidade de continuar educando, consolando e servindo.

Onde a autoridade se faz serviço, a governança se humaniza; onde a doutrina é vivida com humildade, a obra encontra continuidade; onde há formação de continuadores, o bem não se interrompe.

Assim, a liderança espírita autêntica não busca conservar centralidade. Ela busca, ao contrário, irradiar responsabilidade, inspirar confiança e preparar futuro. Esse é, talvez, um dos frutos mais altos da educação integral: preservar o espírito da obra e libertá-lo da vaidade do homem.

- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 93.ed. Brasília: FEB, 2020.
- PIRES, J. Herculano. *O Centro Espírita*. São Paulo: Paideia, 1978.
- SCHUTEL, Cairbar. *Fundamentos da reforma íntima*. Matão: Casa Editora O Clarim, 2011.

O autor é advogado e administrador, ex-dirigente de instituições espíritas.

A sabedoria de quem não sabe

No geral, o juízo das pessoas é crítico e unilateral, porque os fatos são observados apenas sob a óptica de quem o examina

| **Clayton** Reis | claytonreis43@gmail.com

O maior desafio daquele que emite uma opinião ou realiza um diagnóstico acerca de conhecimentos consiste na veracidade da informação, para não incorrer em conclusões errôneas. A filosofia de Confúcio diz: *Aquele que sabe que sabe, é sábio, segue-o. Aquele que não sabe que não sabe, é tolo, foge dele*!

Emitir um juízo de valores é uma responsabilidade que exige do emitente domínio sobre o conteúdo da informação. No geral, o juízo das pessoas é crítico e unilateral, porque os fatos são observados apenas sob a óptica de quem o examina. Essas opiniões são falaciosas! A investigação científica exige pesquisas desvestidas de opiniões próprias; ao cientista compete observar, analisar e interpretar o fato observado de acordo com a sua natureza e efeitos.

O mundo moderno dá preferência ao ideal prático da sabedoria que retorna em Descartes e em Leibniz, ensina Nicola Abbagnano (ABBAGNANO, 2007, p. 1.021). E, conclui, *este último une, em sua definição, o aspecto teórico e prático, a sabedoria é o perfeito conhecimento de todos os princípios e de todas as ciências, bem como da arte de aplicá-lo*s. Dizer o que não conhece é o caminho inverso do esclarecimento e da verdade. Nesse caso, a sabedoria exige o silêncio diante do que não conhecemos. Afinal, no dizer de Pontes de Miranda, *conhecer é poder formular proposição verdadeira ou verificável.*

O conceituado filósofo Luiz Felipe Pondé, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* (FSP, 13.4.2026, 105–B9) sob o título "O que é religião?", referiu-se ao historiador das religiões romeno Mircea Eliade. Ao descrever sobre manifestações extrassensoriais, afirmou: "a mãe de santo conhecerá as mitologias africanas e rituais como ninguém no terreiro, inclusive fazendo interpretações de acontecimentos da vida cotidiana de seus filhos de santo a partir dessa mitologia". E preferiu debruçar-se sobre a opinião do leigo que não sabe diferenciar referidas manifestações nobres da doutrina kardecista — há uma errática diferença entre as "mães de santo" e a doutrina de Allan Kardec.

O autor, pessoa erudita e culta, com notável currículo profissional, optou por escolher inverídicas informações sobre uma doutrina que reúne, filosofia, religião e ciência; uma doutrina antidogmática e distante dos preconceitos, que aponta para a consciência e para o conhecimento de si próprio, como processo de emancipação do ser humano em sua trajetória terrena.

Nessa linha de intelecção, conclui a sua mensagem afirmando: *"Mares não se abrem ao meio e mortos nunca voltaram à vida e, nesse caso, com o corpo."* Não se deteve ou procurou saber as razões lúcidas e lógicas da realidade sobre a existência do homem. Divaldo Franco (FRANCO, 2023, p. 29), em uma das suas memoráveis lições, asseverou: *"Teologias esdrúxulas e*

compatíveis com os níveis sociais e culturas dos povos procuram demonstrar a indestrutibilidades da energia criadora, firmando terríveis conciliábulos com as Forças Cósmicas incompreendidas, mas que se manifestam sem cessar."

A maioria dos seres humanos não se detém em investigar racionalmente as pseudoverdades existentes no curso da história da civilização. É mais cômodo aceitar os dogmas, desenterrados dos cemitérios das crenças preconceituosas, que durante milênios movimentaram o homem em torno do poder e da riqueza. A contrário senso, o homem preferiu alinhar-se a pensamentos, emoções e ações em torno dos interesses transitórios. Estamos ainda adormecidos, por mero comodismo, na busca de verdades que não nos convém entender nem atendem às nossas ideologias. Portanto, não temos o direito de criticar o que não entendemos. Steven Pinker indaga: *quem poderá ser contra a razão, a ciência, o humanismo ou o progresso?*

O iluminismo é o caminho. Afinal, segundo escreveu Immanuel Kant em 1784, citado por Steven Pinker (PINKER, 2018, p. 25), o *iluminismo será a saída do ser humano da menoridade de que ele próprio é culpado, de sua submissão "preguiçosa e covarde" aos dogmas e fórmulas da autoridade religiosa ou política*. E, ao final do seu pensamento lança o desafio — ***ouse entender***.

No geral, não paramos para entender o que não compreendemos. Preferimos relegar esses "mistérios" ao nada existencial, uma concepção cômoda, que colocamos nos armários mentais daquilo que não convém saber, porque implicariam em assumir novas e imensas responsabilidades perante as leis universais e o Criador dos mundos. Léon Denis (DENIS, 2016, p. 49) assinala nas linhas da reflexão lógica — *a alma é imortal, porque o nada não existe e nenhuma coisa pode ser aniquilada, nenhuma individualidade pode deixar de ser.*

Dessa forma, nosso inconformismo decorre do desconhecimento dos reais fenômenos que se verificam a partir da aniquilação da vida *pós-morte*, fato que revela, na óptica de Kant, a nossa preguiça e covardia em conhecer a verdade. As múltiplas crenças preferem apenas nutrir o sentimento de adoração, sem os necessários efeitos perante a sociedade que se agoniza nos turbilhões das falsas realidades. No dizer de Liev Tolstoi (TOLSTOI, 2011, p. 27): *"É por esse motivo que a razão deve demonstrar em que consiste a verdade, se alguém a ignora. A noite a ocultou dos homens. Estes não mais reconhecem a verdadeira lei do Cristo."*

A conduta da tolerância e de não fazer aos outros o que não queiramos que os outros nos façam permanece nos rituais. Mas, não na consciência e na prática dos homens, que não conhecem a vida cotidiana das pessoas que sofrem e a dinâmica presente na lei da causa e efeito. Não se trata de um determinismo, mas da consciência dos entrelaçamentos existentes nas relações humanas, que são coordenadas por um senso ético e moral presente na intimidade dos seres humanos.

Rudolf Eucken (EUCKEN, 1962, p. 226), prêmio Nobel de Literatura de 1908, proclama ao final de sua obra premiada: "*Nada causa mais tensão e grandeza em nossa vida do que esta luta em que entra em jogo não apenas a felicidade do indivíduo, mas sobretudo, a manutenção da ida do espírito no domínio da humanidade."* Trata-se de uma profunda reflexão que nos conduz a uma análise capaz de libertar-nos da noite em que atualmente nos encontramos envolvidos.

A porta de entrada para esse processo de libertação encontra-se na consciência de cada um. Verdadeiro processo de emancipação e do encontro com a felicidade humana, almejo de todos os seres humanos, segundo a concepção de Aristóteles, que depende exclusivamente de cada pessoa. Certamente, nesse processo, a melhor escolha será daquele que conhecer os caminhos que conduzem à verdade.

Ouse entender...

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.
- DENIS, Léon. *O Problema do ser, do destino e da dor*. 32.ed. Brasília: FEB, 2016.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Mundo Regenerado. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, 2023.
- PINKER, Steven, *O Novo Iluminismo: em defesa da razão da ciência e da humanidade*. Trad. Laura Teixeira Motta e Pedro Maia Soares. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- TOLSTOI, Liev. *O Reino de Deus está em vós — obra máxima do autor de Guerra e paz desaparecida durante cem anos*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

O autor é vice-presidente da ABRAME – Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas.

O homem e seus medos

Ao longo da História, o medo foi importante ferramenta de dominação, submissão, ordem e disciplina moral

| **Bernardino** Moreira | bernardinomoreira100@gmail.com

Temos de despertar a nossa força interna, que é espiritual. E os medos, com suas consequências maléficas, ficarão sepultados no passado

Na Pré-História, o medo tinha função prática: proteger os primeiros humanos de predadores, desastres naturais e outros perigos. Por isso, os sons da noite, os trovões, a escuridão e os animais selvagens eram fontes constantes de apreensão. Para lidar com o medo do desconhecido, os grupos criavam rituais, pinturas e narrativas mágicas, tentando dar sentido ao que não compreendiam.

O Espiritismo explica esse medo primitivo como consequência do instinto natural, isto é, o instinto de conservação, daí o medo da dor e da morte, o que ajuda a proteger a vida física. Esse medo é útil enquanto mecanismo de defesa, mas se torna prejudicial quando domina a razão e paralisa o Espírito.

Nas primeiras civilizações (Mesopotâmia, Egito, Grécia, Roma), o medo foi ligado ao sagrado e ao sobrenatural. Por isso, as catástrofes naturais eram vistas como punições divinas. O medo

era usado como forma de controle social: obedecer às leis e aos rituais significava evitar a ira dos deuses. Na Grécia, o deus Fobos — daí a palavra "fobia" — personificava o pavor, isto é, o medo excessivo.

Um exemplo interessante é dado pelo historiador Suetônio (69–141) sobre o imperador Otávio Augusto (63 a.C.–14 d.C.), que tinha medo de relâmpagos, pois uma vez viu um relâmpago atingir pessoas que caminhavam perto dele. Após este incidente, o templo de Júpiter Tonante — tonante: que troveja — foi construído por ordem sua. Por medo, durante os períodos de chuva, o imperador escondia-se frequentemente num abrigo subterrâneo com toda a sua comitiva. "É melhor prevenir do que remediar!"

Na Idade Média, o Cristianismo católico fez do medo um dos eixos da vida cotidiana: o medo do pecado, do demônio e da condenação eterna. Para piorar, existiam as pestes e a fome, interpretadas como castigos divinos. As crenças em bruxas, monstros, fantasmas e no apocalipse também angustiavam o homem medieval, deixando-o trêmulo de medo. E a Igreja usava isso como ferramenta de ordem e disciplina moral. A aterradora palavra medo aparece 103 vezes na Bíblia — com variações, dependendo da tradução.

Entre os exemplos podemos transcrever o que está escrito em Deuteronômio, 2:25: "Neste dia, começarei a pôr um terror e um temor de ti diante dos povos que estão debaixo de todo o céu: os que ouviram a tua fama tremerão diante de ti e se angustiarão."

E em Êxodo, 15:16: "Que se assustem e se apavorem, petrificados diante do teu poder, até que tenha passado o teu povo, ó Senhor, o povo que tu mesmo resgataste."

O Velho Testamento utiliza o medo como forma de dominação e deixa seus fiéis prostrados e submissos, através de um deus rancoroso e vingativo. Ai daquele que tentasse desobedecê-lo!

Também o medo da morte assustou muitos, fazendo da vida um tormento. Um exemplo é o célebre escritor francês Donatien Alphonse François (1740–1814), que aos 74 anos deixou uma nota curiosa: "Proíbo terminantemente que o meu corpo seja aberto. Ele deve permanecer no quarto onde vou morrer durante, pelo menos, 48 horas, e só depois pregar o caixão." Apesar do desejo, a autópsia do seu corpo foi efetuada. Pelo jeito, o Marquês de Sade tinha muito medo de ser enterrado vivo — consequentemente, muito medo da morte.

O famoso escritor russo Nikolai Gogol (1809–1852) foi além e declarou, peremptório: "Depois da minha morte, o meu corpo não deve ser enterrado até que apareçam os primeiros sinais de decomposição."

Além do medo da morte, o medo do diabo atormentou muito gente, o que levou Kardec a afirmar em *O que é o Espiritismo*: "Em o número das causas de loucura, devemos também colocar o medo, principalmente do diabo, que já tem desarranjado mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que se tem feito, ferindo as imaginações fracas com esse painel que, por detalhes horrorosos, capricham em tornar mais assustador."

O tempo passou e o medo do diabo continua firme e forte, assombrando as religiões pautadas no ensinamento bíblico.

E continua Kardec em *O Livro dos Médiuns*: “É fora de dúvida que o medo tem exagerado muitos fatos que, passando de boca em boca, assumiram proporções gigantescamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles (os Espíritos) ocorrem foram tidas como assombradas pelo diabo e daí todos os maravilhosos ou terríveis contos de fantasmas. Por outro lado, a velhacaria não consentiu em perder tão bela ocasião de explorar a credulidade e quase sempre para satisfação de interesses pessoais.”

Os oportunistas de plantão sempre estão a postos para agir de má-fé em nome de finalidades suspeitas ou ignorância capitaneada pelo materialismo, sempre cego aos fenômenos espirituais, que aliás, já foram comprovados por muitos cientistas renomados, entre eles, o químico e físico britânico William Crookes (1832–1919). É só dar uma olhadinha no livro *Fatos Espíritas*, de sua autoria.

E Kardec arremata, conclusivo, em *O Livro dos Médiuns*: “Ninguém mais terá medo dos Espíritos, quando todos estiverem familiarizados com eles e quando os a quem eles se manifestam já não acreditem que estão às voltas com uma legião de demônios.”

A ignorância cavalgante dos cavaleiros da discórdia não tem nenhum embasamento, porque desconhecem totalmente o que falam, como disparates lançados a esmo, vociferam enfurecidos e enlouquecidos, por fanatismos e oportunismos desarrazoados.

Atualmente, os medos se tornam coletivos e se multiplicam como se tudo fosse acabar a qualquer momento. É o medo de guerras mundiais, bombas atômicas, ditaduras, crises econômicas e pandemias, terrorismo, mudanças climáticas, inteligência artificial, colapso econômico e crises ambientais. E aí o medo passou a ser explorado pela mídia e pela cultura de massa, especialmente no cinema de terror e na literatura gótica.

Para o Espiritismo, esses acontecimentos fazem parte do processo de provas e expiações da humanidade em evolução. O medo coletivo pode ser transformado em solidariedade, união e aprendizado espiritual.

Já sabemos que o medo é exacerbado pelo materialismo que potencializa o medo da morte, e que muitos medos também são frutos da culpa e da consciência moral.

Enfim, como superá-lo?

O Espiritismo aponta caminhos para dominar o medo, entre eles, o conhecimento espiritual para entender que a vida continua além da morte. Esse mergulho na profundidade da vida nos dá confiança e nos faz caminhar com passos seguros na estrada da vida. A fé raciocinada faz com que tenhamos confiança em Deus, sem fanatismo, mas com base na razão e na lei de causa e efeito. A prática do bem faz a nossa consciência ficar tranquila, diminuindo os temores ligados à culpa e ao futuro. E o amparo da prece fortalece o Espírito e reduz as influências negativas que alimentam o medo.

Antes de querer reformar o mundo, temos de fazer a reforma íntima. O Espiritismo mostra que a solução sempre esteve em nós mesmos. Temos de despertar a nossa força interna, que é espiritual. E os medos, com suas consequências maléficas, ficarão sepultados no passado.

- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. Editora Companhia de Bolso, 9 de junho 2009, versão digital.

- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Trad. Redação de Reformador, em 1884. 56.ed. FEB, 2019. Versão digital. Cap. 1, Loucura, suicídio e obsessão.
- *Idem*. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81.ed. FEB, 2020. Versão digital. Segunda parte, Cap. V, item 88.

O autor é poeta, palestrante e pesquisador espírita.

O Espiritismo erradica o mal pela raiz

Ajudando a compreender os ensinos do Cristo, o Espiritismo nos faz melhores cristãos

| **Rogério** Coelho | rcoelho47@yahoo.com.br

Não sem motivos bastante ponderáveis, afirmou o ínclito Mestre Lionês:[1] “(...) um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar das ideias espíritas, ideias essas cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. Aqueles que se aprofundaram nesta Doutrina e meditaram sobre as suas consequências inevitáveis, podem compreender o poder do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. Esse poder prende-se a que ela se dirige à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito* (...). O Espiritismo, como Doutrina moral, hoje não está mais no estado de simples teoria; entrou na prática, ao menos para um grande número daqueles que lhe admitem o princípio. Ora, segundo o que se passa, e em presença dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem medo que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua divulgação. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar.”

A *Revue Spirite* fornece numerosos exemplos de transformações morais como os dos dois prisioneiros, cujas cartas dirigidas a Allan Kardec foram publicadas nos números de novembro de 1863 e fevereiro de 1864.

A primeira delas nos seguintes termos:[2] “Senhor Allan Kardec. Fiquei bastante feliz por estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito dessa leitura foi tal sobre todo o meu ser, que acreditei dever disso conversar convosco (...).

“Tive a infelicidade de ser atingido por uma condenação de seis anos de reclusão, justa consequência de minha conduta passada. Não tinha, pois, lugar para me lamentar (...).

“Ainda há um mês, me acreditava perdido para sempre; de onde vem que hoje penso de outro modo, e que a esperança se fez luz em meu coração? Não é porque o Espiritismo, revelando-me a sublimidade de suas máximas, me fez compreender que os bens terrestres nada eram; que a felicidade não existia realmente senão para aqueles que praticam as virtudes ensinadas por Jesus Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso Pai comum? Não é também porque, embora caído num estado de abjeção, embora desonrado pela sociedade, pude esperar renascer de alguma sorte, e, nesta visão, preparar minh’alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

“Não sei se estão bem aí as verdadeiras causas da mudança que se operou em mim; mas o que sei é que se passa em todo o meu ser uma coisa que não posso definir. Estou mais disposto em comparação com os infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho razoável autoridade sobre uma centena dentre eles, e estou muito decidido a disso não

usar senão para o bem. Minha posição moral me parece menos penosa; considero meus sofrimentos como uma justa expiação, e esta ideia me ajuda a suportá-los. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; dou-lhe a justiça que lhe é devida.

"Eis, disso estou seguro, as causas que reagiram sobre o meu Espírito, e que farão de mim, no futuro, disso tenho a doce esperança, um homem amante e servindo a Deus e seu próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei dar graças desta feliz metamorfose que de um homem mau fará um homem amante da virtude? A Deus primeiro, a quem devemos tudo reportar, e em seguida aos vossos excelentes escritos! Também, senhor, permiti-me vo-lo dizer, esta carta tem por objetivo vos assinalar toda a minha gratidão."

Kardec aduz:[3] "As consequências morais deste fato se deduzem por si mesmas; eis um homem que, atingido pela lei, se encontra confundido com refugo da sociedade, e esse homem, no meio dessa lama moral, retornou à fé; vê o abismo em que caiu e se arrepende (...). Bastou para isso a leitura de um livro onde encontrou os elementos de fé que sua razão pôde admitir, que reanimou as suas esperanças, e fê-lo compreender o futuro. (...)

"Uma vez que esses dois culpados puderam ser levados ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem tido preliminarmente essa fé, não teriam cometido o mal. A sociedade, pois, está interessada na propagação de uma Doutrina de uma tão grande força moralizadora. É o que se começa a compreender.

"Outra consequência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não estão presos pelos ferrolhos e que vão até o fundo dos calabouços levar suas consolações. Não está, pois, no poder de ninguém impedi-los de se manifestarem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição; eles desafiam todas as proibições, se riem de todas as interdições, ultrapassam todos os cordões sanitários. Que barreiras, pois, podem lhes opor os inimigos do Espiritismo?"

Um Espírito Israelita profetiza:[4] "São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os Espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna. **Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá**." (Grifamos.)

Divinamente inspirado, diz, em sublime peroração o nobre Vidente de Damasco:[5] "Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa (...)."

1. KARDEC, Allan. *Revue Spirite*. Setembro de 1864. Araras: IDE, 1993. p. 262.
2. Ibidem. Novembro de 1863. Araras: IDE, 1993.

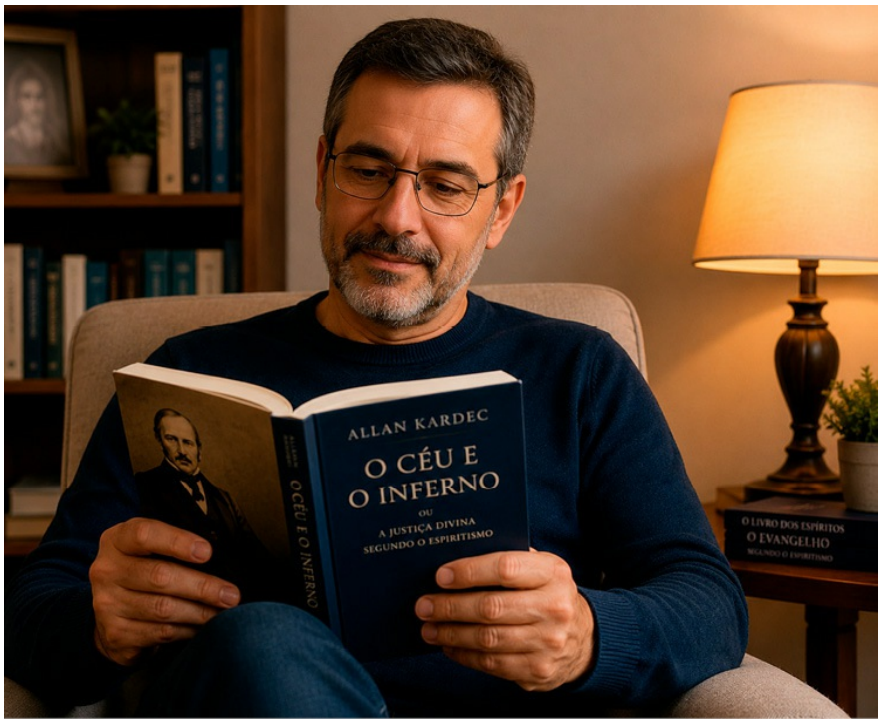
3. Ibidem. Fevereiro de 1864. Araras: IDE, 1993.
4. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo.* 121.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. I, item 9, § 5º, p. 60.
5. Ibidem. Cap. XV, item 10 *in fine*.

O autor é escritor e palestrante espírita e reside em Manhuaçu, MG.

O Céu e o Inferno

Sua leitura é imprescindível como referência no processo de análise de qualquer mensagem ou texto supostamente mediúnico que tente descrever o ambiente espiritual

| **Márcia** Paris Ewald | mmmparis@uol.com.br



O Céu e o Inferno coloca ao alcance de todos os conhecimentos do mecanismo pelo qual se processa a justiça divina, em concordância com o princípio evangélico “A cada um segundo suas obras”

Após 161 anos de seu lançamento, o livro *O Céu e o Inferno*, lançado por Allan Kardec em 1º de agosto de 1865, ainda é um grande desconhecido para muitos adeptos do Espiritismo. Conforme levantamento realizado em 2022,[1] com 115 dirigentes de instituições espíritas, apenas 70,4% afirmaram ter lido integralmente, pelo menos uma vez, o referido livro. Isso significa que quase 30% desses dirigentes podem desconhecer o conteúdo tratado nessa que é uma das cinco obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Lembrando que a Doutrina Espírita teve como primeira publicação *O Livro dos Espíritos*, que depois, devido ao seu conteúdo expressivo, foi desdobrado e aprofundado em mais quatro obras: 1ª parte — *A Gênese* (criação do mundo); 2ª parte — *O Livro dos Médiuns* (comunicabilidade com o plano espiritual); 3ª parte — *O Evangelho segundo o Espiritismo*” (as leis morais); 4ª parte — *O Céu e o Inferno* (justiça divina, esperanças e consolações).

Diferentemente daqueles que supõem que todos os princípios espíritas estão desenvolvidos em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, as demais obras que compõem o Pentateuco Kardequiano assumem uma relevância primordial para entender o corpo teórico do Espiritismo — por isso são consideradas fundamentais.

Inclusive, alguns conceitos introduzidos em *O Livro dos Espíritos* somente são plenamente compreendidos associando-os aos demais livros. Como exemplo, o tema "possessão", tratado nas questões 473 a 480 daquele, é complementado com exemplos que encontramos em *A Gênese*, capítulo XV.

Especificamente no livro *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec aborda a passagem da vida corporal para a vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, e tantos outros temas ligados à imortalidade da alma, sempre orientado pelos Espíritos superiores.

Palestras e seminários espíritas sobre o tema da imortalidade da alma abordam a obra de Allan Kardec, especialmente *O Céu e o Inferno*, focando no conceito espírita de que céu e inferno não são lugares físicos, mas, sim, estados da alma. Essas exposições explicam que as almas carregam seu próprio céu ou inferno interior, refletindo o estado moral de cada indivíduo, e que o estudo do Espiritismo promove o autoconhecimento, propiciando com esse conhecimento a reforma íntima, para a transformação para estados mais elevados de consciência, de comportamento.

Conceitos principais:

• Estados da alma: o céu e o inferno são entendidos como estados emocionais e morais, e não como locais geográficos de felicidade ou sofrimento eternos.

• Consequência do comportamento: a Doutrina Espírita ensina que o estado de bem-aventurança ou sofrimento — o céu ou o inferno — é uma consequência direta do comportamento e dos sentimentos da pessoa durante a vida.

• Reforma íntima: o trabalho de autoconhecimento e a reforma íntima são cruciais para a transformação interior e para evitar o sofrimento, pois levamos nosso céu e o nosso inferno para onde formos.

• A justiça divina: os conceitos anteriores são parte da explicação da justiça divina no Espiritismo, mostrando que as almas são responsáveis por suas escolhas.

A leitura dessa obra é imprescindível para servir de referência no processo de análise de qualquer mensagem ou texto supostamente mediúnico que tente descrever o ambiente espiritual.

Com um conteúdo filosófico excepcional, *O Céu e o Inferno* não somente enriquece e oferece robustez e firmeza ao corpo teórico doutrinário, mas contém relatos sobre a situação dos Espíritos desencarnados, que esclarecem inúmeras dúvidas daqueles que gostariam de saber o que acontece depois da morte, do desencarne.

Aqui fazemos uma observação: existem inúmeros romances espiritualistas que atraem milhões de leitores ávidos por enredos emotivos acompanhados de revelações sobre o mundo invisível. Certamente, essas obras ficcionais contribuem para despertar o interesse na temática espiritualista, mas cabe ao leitor separar o joio do trigo quanto à veracidade e à legitimidade das

informações encontradas. Assim, o estudo de *O Céu e o Inferno* pode ser um divisor de águas ao leitor, para contrastar as fantasias presentes em romances sobre a real condição do Espírito.

Para conhecer a realidade espiritual à luz do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, é necessário estudar o conjunto das obras de Allan Kardec, pois elas formam um corpo doutrinário coeso e complementar. Algumas questões que o misticismo e a imaturidade doutrinária tornam polêmicas, disseminadas por romances opinativos, poderiam ser racionalmente debatidas e esclarecidas pautando-se pelo ensino dos Espíritos apresentado nas obras de Kardec. Isso não significa um engessamento das ideias — como gostam de dizer os apreciadores de novidades —, mas o exercício da prudência metodológica necessária antes de aceitar qualquer revelação.

Sem comprovações objetivas, que seguiram um método claro e lógico de argumentação científica ou filosófica, nenhuma novidade tem autoridade para substituir o que foi validado pela universalidade dos ensinos dos Espíritos. Hipóteses são bem-vindas e devem ser estimuladas, mas somente a devida validação pode incorporar novas ideias ao conhecimento doutrinário. Richard Simonetti sempre nos lembrava da importância de conservar a pureza doutrinária.

Na primeira parte de *O Céu e o Inferno*, Kardec realiza um exame crítico, procurando apontar contradições filosóficas e incoerências com o conhecimento científico, superáveis, segundo ele, mediante o paradigma espírita da fé raciocinada.

São expostos vários assuntos: causas do temor da morte; por que os espíritas não temem a morte; o céu; o inferno; o inferno cristão imitado do pagão; os limbos; quadro do inferno pagão; esboço do inferno cristão; purgatório; doutrina das penas eternas; código penal da vida futura; os anjos segundo a Igreja e o Espiritismo.

Aborda também vários pontos relacionados com a origem da crença dos demônios, segundo a Igreja e o Espiritismo, intervenção dos demônios nas modernas manifestações, e a proibição de invocar os mortos.

As informações recebidas com riqueza de detalhes exemplificam os elementos teóricos tratados nessa primeira parte da obra, constituindo-se em notável organização didática, típica de um exímio educador como Allan Kardec.

Na segunda parte descreve-se o período de transição do Espírito após deixar o corpo carnal e recobrar a consciência da realidade espiritual, por meio de dezenas de diálogos que foram estabelecidos entre Kardec e diversos Espíritos. Estes narram as impressões que trazem do além-túmulo e como se deu o processo de desencarne para pessoas de diferentes tipos de caráter.

São dezoito depoimentos de Espíritos felizes, seis de Espíritos medianos, dez de Espíritos sofredores, nove de Espíritos suicidas, cinco de Espíritos criminosos arrependidos, cinco de Espíritos endurecidos e catorze de Espíritos infelizes.

Citamos três exemplos:

1. Comunicação de um Espírito feliz — Sr. Sanson. Membro da Sociedade Espírita de Paris, desencarnou em abril de 1862, depois de um ano de atrozes padecimentos. Evocado após dois dias, respondeu que sua situação era bem-ditosa; acha-se regenerado, renovado, nada mais

sentindo das antigas dores. A passagem da vida terrena para a dos Espíritos o deixou, de começo, num estado incompreensível, sem muita lucidez.

“Ao fim de que tempo recobrastes a lucidez das ideias? — Ao fim de oito horas. Deus, repito, deu-me uma prova de sua bondade, maior que o meu merecimento, e eu não sei como agradecer-lhe.”

2. Um Espírito sofredor — Lisbeth. Rica, coquete, bela, egoísta, indiferente, enganadora. Esmagou com seus poderes os que não se submetiam a ela. Agora, arrepende-se, mas já entende que o arrependimento tem de trazer junto o desejo de reparar.

3. Espírito suicida — Antoine Bell. Guarda-livros em uma casa bancária no Canadá, suicidou-se em 28 de fevereiro de 1865. Era um homem inofensivo, mas perseguido por pensamentos de um crime cometido em encarnação anterior. Agora, sofre.

Podemos dizer que a segunda parte do livro é dedicada ao pensamento, pois Kardec, reunindo várias dissertações de casos reais, a fim de demonstrar a situação da alma, durante e após a morte física, nos proporciona amplas condições para que possamos compreender a ação da Lei de Causa e Efeito, em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas.

O Céu e o Inferno coloca ao alcance de todos os conhecimentos do mecanismo pelo qual se processa a justiça divina, em concordância com o princípio evangélico “A cada um segundo suas obras”. Não se trata apenas de opiniões individualizadas, mas um conjunto com conteúdo sistematizado, validado pela universalidade dos ensinamentos e voltado ao estudo doutrinário.

E para finalizar: lembram-se da pesquisa citada no início deste texto, sobre os 70,4% que haviam lido o livro *O Céu e o Inferno*? Que os cerca de 30% de dirigentes e adeptos em geral que ainda não o leram possam aproveitar o centésimo sexagésimo primeiro aniversário da obra para se atualizar. E nós também.

1. M. A. F. Milani Filho, *Jornal de Estudos Espíritas* 12, 010303 (2024), DOI: https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010303.

A autora é colaboradora do Centro Espírita Amor e Caridade (CEAC), palestrante espírita em Bauru e região.

A alma no ofício: a tarefa espírita e a pergunta de Paulo

A pergunta central não é apenas qual tarefa se realiza, mas com que espírito se faz aquilo que foi confiado

| **Edgar** Silva dos Anjos | filosoed@gmail.com

(...) a tarefa espírita não se define pelo grau de visibilidade — define-se pela utilidade moral, pela intenção, pela responsabilidade e, sobretudo, pela alma colocada no ofício

No vocabulário espírita, trabalho e tarefa são palavras vizinhas, mas não equivalentes. O trabalho espírita designa toda ocupação útil orientada pelo bem — o serviço ao próximo, o estudo, a consolação, a reforma íntima, a vivência moral do Evangelho. Essa compreensão encontra apoio direto em *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta se por trabalho devem ser entendidas apenas as ocupações materiais, e a resposta amplia o conceito: o Espírito trabalha como o corpo, pois toda ocupação útil é trabalho.

A tarefa espírita tem sentido mais exigente. Ela não é a ação útil praticada ocasionalmente, mas o compromisso assumido com determinada atividade de serviço — com regularidade, disciplina e responsabilidade. Ela implica uma função, visível ou silenciosa, que integra um esforço coletivo de educação espiritual, auxílio ao próximo e transformação moral. Pode-se dizer, de forma sintética: o trabalho espírita é a ação útil no bem; a tarefa espírita é o compromisso sustentado com essa ação.

Essa distinção, porém, ainda é insuficiente se ficarmos no plano funcional. A tarefa não pode ser reduzida ao cargo, ao nome da atividade, à posição na casa espírita ou ao grau de visibilidade

de quem a realiza. Pode-se aplicar passe sem amor, coordenar estudos com vaidade, falar em público buscando admiração, limpar o salão aguardando reconhecimento moral. Em todos esses casos existe função, mas a tarefa se esvazia por dentro. A pergunta central, portanto, não é apenas qual tarefa se realiza, mas com que espírito se faz aquilo que foi confiado.

I. A suspeita à visibilidade — e seus limites

Por muito tempo carreguei uma convicção formada na vivência concreta da casa espírita: a tarefa verdadeiramente espiritual seria, sobretudo, aquela pouco percebida, silenciosa, quase anônima. A tarefa com visibilidade me parecia moralmente suspeita. Palestra, tribuna, condução de estudo, fala diante dos outros — tudo isso me parecia carregar o risco estrutural de buscar luz própria.

Essa suspeita não nasceu sem razão, e é preciso honrá-la antes de superá-la. O Espiritismo educa contra o personalismo e a vaidade religiosa. A tribuna pode virar palco, o estudo pode virar demonstração de superioridade intelectual, a função pode transformar-se em identidade de poder. Ainda mais: alguém que limpa o salão com humildade genuína pode estar realizando tarefa espiritualmente mais profunda do que quem fala diante de muitos sem amor verdadeiro. Essa antítese tem força moral e cumpre uma função higiênica importante na vida das instituições espíritas.

O problema aparece quando ela é levada além do ponto de equilíbrio. Quando se confunde humildade com invisibilidade obrigatória, transforma-se prudência em suspeita generalizada: toda tarefa pública se torna vaidosa por natureza, todo estudo se torna intelectualismo, toda palestra se torna desejo de palco. Mas a tarefa espírita não se define pelo grau de visibilidade — define-se pela utilidade moral, pela intenção, pela responsabilidade e, sobretudo, pela alma colocada no ofício. A tarefa invisível não é automaticamente mais pura por ser invisível: ela também pode ser atravessada por ressentimento, orgulho silencioso ou recusa disfarçada de servilidade. Do mesmo modo, a tarefa pública não é automaticamente vaidosa: pode ser profundamente caridosa quando nasce da responsabilidade, da preparação e do desejo sincero de servir.

A questão, portanto, não é onde se aparece ou onde se parece mais humilde. É onde se pode servir melhor e onde a própria alma precisa ser educada pelo serviço.

II. O caminho de Damasco como ruptura

A experiência de Paulo de Tarso ilumina essa compreensão com força singular. Saulo já era trabalhador antes do encontro com Jesus. Era disciplinado, zeloso, convicto — e agia com fervor genuíno. Mas seu trabalho estava orientado por uma compreensão equivocada da verdade. Tinha zelo; não tinha ainda a luz do amor. E é precisamente porque agia com sinceridade que o erro era tão profundo: o perseguidor não era um hipócrita, era um convicto. A cegueira de Saulo não era moral, mas espiritual — e por isso mesmo mais perigosa.

No caminho de Damasco, aquilo que ele julgava missão se revela equívoco. Dessa desorganização profunda nasce a pergunta que reorganiza toda a sua vida: *“Senhor, que queres que eu faça?”*

Essa pergunta é uma chave para pensar a tarefa. Paulo não pergunta que lugar ocupará, que cargo terá, qual será sua importância. Ele pergunta o que deve fazer — e pergunta a partir de uma nova relação com o Cristo. Antes, Saulo trabalhava a partir de si mesmo: de sua certeza, de sua identidade religiosa, de seu fervor. Depois do encontro, Paulo passa a trabalhar como resposta a um chamado. A ação deixa de ser afirmação de si e passa a ser cooperação com algo maior do que ele.

III. Vasos de barro e a cooperação no bem

Nas cartas aos coríntios, Paulo aprofunda essa compreensão em duas imagens decisivas.

Em 1ª Coríntios 3, ele escreve: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento.” A imagem desfaz qualquer disputa de protagonismo. Aplicada à casa espírita: quem limpa o salão prepara o ambiente; quem recebe na porta acolhe a chegada; quem evangeliza planta sementes que talvez floresçam anos depois; quem conduz estudos rega consciências; quem fala numa palestra pode consolar alguém que chegou em silêncio, sem que ninguém saiba. A tarefa não é protagonismo individual — é cooperação no bem.

Em 2ª Coríntios 4, Paulo oferece outra imagem: trazemos um tesouro em vasos de barro. O tesouro é grande; o vaso, frágil. Aplicada à tarefa espírita: o palestrante não é o tesouro, o médium não é o tesouro, o dirigente não é o tesouro. O tesouro é o Evangelho, o bem, a caridade, a possibilidade de servir. Nós somos vasos de barro: limitados, frágeis, imperfeitos. Essa imagem corrige duas ilusões: a vaidade de quem se acha indispensável e esquece que é vaso; e o desânimo de quem se acha inútil e esquece que, mesmo sendo vaso frágil, pode carregar algo precioso.

IV. O critério da caridade

Em 1ª Coríntios 12, Paulo mostra que a comunidade não se organiza pela superioridade de uma função sobre outra. A diferença de função não autoriza hierarquia espiritual. A limpeza não é menor do que a palestra; a palestra não é maior do que a assistência social; a recepção não é inferior à reunião mediúnica; o estudo não é ornamento; a administração não é mera burocracia.

Mas é em 1ª Coríntios 13 que Paulo oferece o critério definitivo: sem caridade, nada tem valor espiritual pleno. Ainda que alguém fale com eloquência, ainda que conheça mistérios, ainda que tenha fé — se faltar caridade, falta o essencial. A caridade julga todas as tarefas: a fala, o estudo, o passe, a mediunidade, a limpeza, a assistência, a direção. A pergunta não pode ser qual tarefa é mais importante, mas em qual há mais amor, mais serviço, mais humildade, mais transformação moral.

V. A tarefa como escola

A tarefa espírita não é prêmio, mas escola. Ela educa a paciência quando encontramos dificuldades, a humildade quando precisamos ouvir críticas, a constância quando o entusiasmo inicial passa, a renúncia quando ninguém reconhece. A tarefa funciona como espelho e oficina: nela, o trabalhador se vê e se trabalha, serve e é servido, ajuda e é corrigido. Muitas vezes pensa que está sustentando a obra, mas descobre que a obra também o sustenta.

Quando se prepara um estudo, cada reflexão organizada retorna primeiro para quem o prepara. O primeiro a aprender é o facilitador. O primeiro a ser corrigido pela ideia que pretende compartilhar é aquele que vai compartilhá-la. Quando isso acontece, o estudo deixa de ser exposição e se torna exercício de humildade; a palavra deixa de ser palco e se torna ponte. A fala pública, quando bem compreendida, não começa diante dos outros — começa no silêncio de quem se pergunta se vive minimamente aquilo que pretende dizer.

VI. Uma definição ampliada

Tarefa espírita é toda responsabilidade útil assumida com disciplina, humildade e finalidade de bem — seja ela visível ou invisível, manual ou intelectual, silenciosa ou pública — desde que sirva a alguém, eduque moralmente quem a realiza e coloque a alma no ofício.

O trabalhador é vaso de barro, e a tarefa não o torna grande. Mas o tesouro que ele se dispõe a carregar dá grandeza ao serviço.

A pergunta de Paulo permanece como orientação íntima: *“Senhor, que queres que eu faça?”*

Ela impede que a tarefa seja escolhida pela vaidade ou pela conveniência. Impede também que a pessoa se esconda atrás de uma humildade que, às vezes, não é virtude — é recusa.

Talvez seja essa a beleza mais profunda do trabalho com o Cristo: descobrir que a luz não nos pertence, mas pode passar por nós quando aceitamos servir sem nos colocar no lugar dela.

- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 675.
- Idem. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV.
- Atos dos Apóstolos, 9.
- 1 Coríntios, 3; 12; 13.
- 2 Coríntios, 4.

O autor é professor de Filosofia e trabalhador espírita há quase trinta anos, tendo atuado na evangelização infantojuvenil por mais de uma década; atualmente é facilitador de estudos doutrinário, em Belo Horizonte, MG.

Fisiologia das curas espirituais: abordagem científica e espírita

> As grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo, do mesmo modo que as preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades

| **Fabio** Dionisi | fabiodionisi@terra.com.br

Caros leitores, há algum tempo, fomos convidados a falar sobre a fisiologia das curas espirituais.[1] Iniciamos dizendo que os médicos Espíritos, na cura espiritual, atuam em um ou mais dos constituintes do ser humano: Espírito, perispírito e corpo físico.

A medicina do além, praticada por eles, visa a duas áreas de atuação: profilática (prevenção) e terapêutica (curativa). As medicações e os tratamentos utilizados podem enquadrar-se em uma ou nas duas áreas, destacando-se: anamnese espiritual, água fluidificada, cirurgia espiritual, desobsessão, despertamento da fé, ectoplasmia, equipamentos, aparelhos e dispositivos, evangelização, extratos (tinturas vegetais), fluidos e energias, materialização e desmaterialização, passes e radiações, pomada Vovô Pedro, retirada de implantes de aparelhos parasitas, retirada de ovoides etc.

Questionados sobre a origem das doenças, sob o ponto de vista espiritual, propusemo-nos a classificá-las[2] em doze tipos: doenças autopunitivas (autoimunes), doenças "bengala" (para obter a atenção de terceiros), doenças compulsórias (impostas pela Lei Divina), doenças de contenção (não solicitadas; inconscientemente provocadas), doenças de contenção solicitadas para nos proteger, doenças congênitas (acidente num gene; síndrome de Down), doenças hereditárias (oncogenes; alterações bioquímicas), doenças incuráveis (a cura ainda não foi descoberta), doenças inevitáveis (lesões provocadas no perispírito; suicídio), doenças provocadas em outras encarnações (lei de causa e efeito), doenças provocadas nesta encarnação (cerca de 50% do total), doenças solicitadas para chamamento espiritual.[3]

Uma segunda pergunta natural: por que adoecemos? A causa primária da maioria das enfermidades se encontra na alma, portanto, de origem anímica; poucas são as exceções, tais como: (a) os estados mórbidos derivados do processo de envelhecimento, uma vez que o corpo físico vai perdendo a sua capacidade funcional; (b) as doenças devidas ao ambiente, como é o caso da exposição a contaminações ambientais, produtos tóxicos, alimentos estragados, energias negativas, contato com Espíritos enfermos etc.[3]

Para isso, é importante entender a constituição do ser humano encarnado (alma), bem como a influência do Espírito nela.

O ser humano é constituído de Espírito, corpo físico e envoltórios sutis (designados, de forma

sintética, pelo termo perispírito); sendo que, por envoltórios sutis, temos o corpo mental e o perispírito (ou corpo astral). Portanto, o ser humano é muito mais complexo do que se consegue visualizar a olho nu ou através da tecnologia médica existente.

Com o fito meramente didático, podemos dizer que a forma de comando e controle orgânico do corpo físico, pelo Espírito, ocorre por três meios: sistema nervoso, glândulas endócrinas e perispírito.[3]

Resumidamente, podemos descrevê-los como segue: (a) sistema nervoso: por seu intermédio são transmitidas as ordens motoras e recebidas as sensações externas, captadas pelos órgãos dos sentidos; (b) glândulas endócrinas: através dos hormônios são controlados vários órgãos; (c) perispírito: faz a ponte entre o Espírito e o corpo físico, transmitindo as ordens do Espírito para o corpo, e enviando as sensações do corpo para o Espírito.

O perispírito está maravilhosamente entrosado com o sistema nervoso e as glândulas endócrinas. De certa forma, eles se subordinam ao perispírito. O entendimento destes mecanismos é importante para o estudo de passes, enfermidades, curas e cirurgias espirituais etc.

Do ponto de vista funcional (fisiologia), o sistema nervoso costuma ser dividido em: sistema nervoso de relação (SNR, também conhecido como somático) e sistema nervoso vegetativo (SNV, mais conhecido como autônomo).[3]

O SNR abrange os mecanismos de percepção do meio ambiente, ou seja, as percepções sensoriais (do meio para Espírito) e os comandos das reações decorrentes destas percepções, por exemplo, como o comando dos movimentos voluntários (do Espírito para o meio) — conscientes.

O SNV reage a estímulos cuja origem são as condições funcionais do organismo. É ele que controla as funções viscerais do corpo (automatismos). Exemplos: controle da pressão arterial, motricidade, secreções do sistema digestivo, controle da temperatura do corpo etc. Estas ações ocorrem, principalmente, através dos centros nervosos localizados na medula e nível encefálico inferior.

O funcionamento do sistema nervoso pode ser provocado pelo Espírito, em decorrência de sua atividade intelectual (consciente) ou como respostas automáticas aos estímulos (automatismo).

Quanto ao sistema endócrino, ele tem por função principal o controle do metabolismo geral do organismo, sendo constituído por glândulas que lançam seus produtos na corrente sanguínea. Essas substâncias são genericamente denominadas hormônios.[3]

Podemos dividir as glândulas em dois tipos: (a) exócrinas (secreção externa), lançam seu produto no exterior ou no interior dos órgãos ocos do aparelho digestivo, como é o caso das glândulas salivares, das glândulas sudoríparas, do fígado (bílis), das glândulas lacrimais etc.; (b) endócrinas (secreção interna), lançam os seus hormônios diretamente no sangue, como é o caso da hipófise (glândula pituitária), tireoide, paratireoide, timo, suprarrenais, ovários, testículos, epífise (glândula pineal) etc.

As glândulas funcionam de forma automática (independem da vontade), por outro lado, as

emoções determinam profundas alterações neste funcionamento. Quanto ao perispírito, ele é composto do corpo causal e corpo vital (duplo etérico),[3] constituído por uma estrutura eletromagnética semelhante à do corpo físico, porém, “em outras características vibratórias”; os elementos químicos que o constituem obedecem a uma escala periódica de elementos, mas em outra faixa vibratória.

Sabemos algumas coisas sobre ele: (a) trata-se de um corpo organizado, que funciona como molde organizador biológico (MOB) do corpo físico; (b) modifica-se sob o comando do pensamento; (c) acompanha o Espírito após a morte física; (d) é a sede da memória integral (contém os registros de todos os nossos pensamentos, emoções, visões etc.; desta e de vidas passadas); (e) acumula energias, boas ou ruins, conforme o Espírito atrai e de acordo com o meio que o circunda.[3]

Quanto à influência do Espírito sobre o seu organismo e suas enfermidades, segundo a Dra. Marlene Nobre:[4] (a) o Espírito encarnado tem todo o poder de comando sobre o seu organismo físico; (b) da mente humana originam-se as forças equilibrantes e restauradoras para as nossas células, mas, quando perturbada, emite raios magnéticos de alto poder destrutivo; (c) essas forças destrutivas atingem o organismo do emissor, desequilibrando-o; (d) na prática, constatamos que as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo, do mesmo modo que as preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; (e) todos os sentimentos negativos e os sintomas mentais depressivos influem, de forma desagregadora, no funcionamento das células, causando distonias e reduzindo a resistência orgânica.

Portanto, podemos concluir que somos afetados por nossos pensamentos, emoções, sentimentos, estados conscienciais, palavras, ações — e dos outros, se permitirmos —, fatores exógenos contaminantes (venenos etc.) e energias ao derredor (meio, Espíritos doentes etc.). Mister que reflitamos a respeito!

1. Do grego *physis* (natureza) e *logos* (estudo), temos estudo da natureza das curas espirituais.
2. Já tivemos a oportunidade de compartilhar a maioria delas com os leitores da *RIE* ao longo da última década.
3. DIONISI, Fabio. *Medicina do Além. Um presente de Jesus para a humanidade*. Ribeirão Pires: Editora Dionisi, 2018. p. 120; 124; 128; 160–166; 205–207.
4. NOBRE, Marlene. *A Alma da matéria. Clonagem humana, fundamentos da medicina Espírita e outros temas*. São Paulo: FE, 2005. p. 6–7.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

O autor é editor, articulista, escritor, palestrante, jornalista; responsável pelo CE Recanto de Luz – Pronto Socorro Espiritual Irmã Scheilla, em Ribeirão Pires, SP.

Era Jesus médium?

O que realmente dizem as obras de Allan Kardec sobre os fenômenos atribuídos ao Cristo

| **Paulo** Oliveira | psdo@outlook.com

Jesus não necessitaria de intermediários espirituais para agir, pois sua autoridade moral e seu domínio das leis espirituais lhe permitiam atuar diretamente sobre os elementos fluídicos que compõem o mundo invisível

Entre as diversas questões surgidas no movimento espírita ao longo do tempo, uma delas reaparece com frequência em estudos e exposições doutrinárias: teria Jesus sido médium?

Esta observação é relevante porque Kardec tratou da mediunidade de forma minuciosa, particularmente em *O Livro dos Médiuns*, obra dedicada inteiramente ao estudo das manifestações espirituais e de seus instrumentos humanos. Logo no início do livro, ao definir a mediunidade, Kardec explica que médium é toda pessoa que serve de intermediária entre os Espíritos e os homens.[1] Trata-se, portanto, de uma faculdade que permite a ação de Espíritos desencarnados por intermédio de um encarnado. O médium, nesse sentido, funciona como instrumento ou canal de transmissão, sendo o fenômeno produzido pela intervenção de outro Espírito. Essa definição é fundamental para que se compreenda a diferença entre mediunidade propriamente dita e outros tipos de fenômenos espirituais.

Quando Kardec aborda a figura de Jesus, ele o faz sempre sob uma perspectiva diferente. Em O *Livro dos Espíritos*, ao tratar do modelo moral oferecido à humanidade, encontramos uma das afirmações mais conhecidas da Codificação. À pergunta de número 625 — “Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo?” — os Espíritos respondem de maneira categórica: “Jesus.” Esta resposta coloca o Cristo em uma posição singular na história espiritual da humanidade. Não se trata apenas de um mestre moral entre outros, mas do exemplo mais elevado que Deus concedeu ao homem como referência de conduta

e de perfeição moral.

O estudo mais detalhado sobre os fenômenos atribuídos a Jesus encontra-se em *A Gênese*, particularmente no capítulo XV, no qual Kardec examina os chamados milagres do Evangelho. O objetivo do Codificador é demonstrar que tais fatos não são sobrenaturais nem constituem violação das leis divinas. Pelo contrário, pertencem ao domínio das leis naturais que regem as relações entre o mundo material e o mundo espiritual. Allan Kardec explica que muitos desses fenômenos podem ser compreendidos à luz dos conhecimentos espíritas sobre os fluidos espirituais e sobre a ação do Espírito sobre a matéria. Nesse contexto, observa que diversos acontecimentos narrados nos Evangelhos pertencem à mesma ordem de efeitos que se verificam nas manifestações espíritas.

Entretanto, logo após estabelecer essa aproximação, introduz uma distinção essencial. No item 1 do referido capítulo, esclarece que a superioridade de Jesus lhe conferia um poder fluídico extraordinário, decorrente da própria natureza de seu Espírito. Em determinado momento da análise, Kardec afirma: *"Os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos* ***fenômenos psíquicos****, isto é, dos que têm como* ***causa primária as faculdades e os atributos da alma****."*[2] Esta explicação coloca os fenômenos do Cristo dentro do campo das leis naturais estudadas pelo Espiritismo, mas não implica classificá-lo como médium.

A distinção torna-se ainda mais clara quando Kardec ajuda-nos a entender que, nos médiuns comuns, a ação se produz pela intervenção de Espíritos que utilizam o médium como instrumento. Já no caso de Jesus, a causa dos fenômenos reside na própria elevação espiritual daquele que os realizava. No item 15 do mesmo capítulo, encontramos que a superioridade moral de Jesus lhe dava "uma imensa potência fluídica, permitindo-lhe agir diretamente sobre os fluidos e produzir efeitos que, em outros homens, só poderiam ocorrer com o concurso de Espíritos desencarnados". Assim, embora os fenômenos sejam semelhantes do ponto de vista das leis que os regem, sua origem não é a mesma. No médium, excetuando-se os fenômenos anímicos, a ação provém de Espíritos comunicantes; em Jesus, provinha de seu próprio Espírito.

Essa interpretação está em harmonia com outra afirmação importante de Kardec sobre a natureza espiritual de Jesus. Ainda em *A Gênese*, ele explica que o Cristo pertence à ordem dos Espíritos mais elevados que já passaram pela Terra. Embora Kardec não se detenha em longas especulações teológicas sobre sua natureza, deixa claro que sua posição na escala espiritual é extraordinária. Sendo um Espírito dessa ordem, Jesus não necessitaria de intermediários espirituais para agir, pois sua autoridade moral e seu domínio das leis espirituais lhe permitiam atuar diretamente sobre os elementos fluídicos que compõem o mundo invisível.

Diante dessas explicações, percebe-se que Kardec foi extremamente cuidadoso ao tratar do tema. Ele demonstra que os fenômenos atribuídos a Jesus não são milagres no sentido sobrenatural, mas também evita classificá-los como mediúnicos no sentido comum. A razão é simples: a mediunidade implica intermediação, enquanto, segundo Kardec, Jesus não agia como intermediário de Espíritos, mas por autoridade própria.

A ideia de que Jesus teria sido médium surge mais tarde, dentro do desenvolvimento interpretativo do movimento espírita. A partir do final do século XIX, e, sobretudo, ao longo do

século XX, alguns autores e divulgadores passaram a empregar a expressão “Jesus, o maior médium da humanidade”. Essa formulação parece ter nascido de uma tentativa pedagógica de aproximar os fenômenos do Evangelho da terminologia espírita, tornando-os mais compreensíveis para os estudiosos da Doutrina. Entretanto, não se trata de uma expressão utilizada por Kardec nem de uma conclusão explicitamente presente na Codificação.

Do ponto de vista histórico, é difícil identificar com absoluta precisão a primeira obra espírita que tenha apresentado essa ideia de maneira explícita. O que se observa é um processo gradual de difusão dessa interpretação em textos de divulgação, palestras e estudos doutrinários, especialmente no movimento espírita brasileiro, durante o século XX. Com o passar do tempo, a expressão foi sendo repetida em diversos contextos e acabou popularizando-se, muitas vezes sem que se verificasse sua correspondência com os textos kardequianos.

Essa situação revela a importância do estudo das obras fundamentais da Doutrina Espírita. Kardec estabeleceu um método de investigação baseado na observação, na análise racional e na fidelidade às fontes. Quando retornamos aos textos da Codificação, percebemos que sua preocupação principal não era classificar Jesus dentro das categorias mediúnicas, mas destacar sua missão espiritual e sua posição excepcional como guia moral da humanidade.

À luz da obra de Kardec, portanto, a pergunta “Era Jesus médium?” deve ser respondida com precisão. **A Codificação Espírita não afirma que Jesus foi médium**. Os fenômenos que realizou são explicados como efeitos de leis naturais espirituais, semelhantes em certos aspectos aos fenômenos espíritas, mas decorrentes da superioridade de seu próprio Espírito. Assim, mais do que um médium, Jesus aparece na Doutrina Espírita como o modelo moral mais elevado oferecido por Deus à humanidade — um Espírito de incomparável elevação cuja missão, ao revelar as leis divinas entre os homens, ultrapassa os limites da mediunidade comum.

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Segunda Parte, Capítulo XIV (Dos Médiuns), item 159.
2. Idem. *A Gênese*. Cap. XV (Os milagres do Evangelho), item: 1 (Superioridade da natureza de Jesus).

O autor é educador da Área de Ensino da Federação Espírita do Estado de São Paulo e expositor do CEERC - Centro de Estudos Espíritas Rede do Coração.

“O Livro dos Espíritos”: nascimento do Espiritismo

Muitos dos equívocos no entendimento e na prática do Espiritismo decorrem da ignorância dos seus princípios doutrinários

| Marcus De Mario | marcusdemario@gmail.com

O Espiritismo é obra dos Espíritos, não é obra de Allan Kardec. Se fosse obra dele poderia perfeitamente ter cunhado o nome Kardecismo, mas isso ele não fez, chamando a nova crença de Doutrina dos Espíritos, Doutrina Espírita ou simplesmente Espiritismo

O nascimento do Espiritismo aconteceu no dia 18 de abril de 1857, quando foi lançada a obra *O Livro dos Espíritos*, assinada por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, ocorrido na cidade de Paris. Antes dessa obra, muitas religiões já proclamavam a existência da alma e sua imortalidade; assim como a crença na reencarnação é encontrada em várias filosofias e religiões do passado. Entretanto, nenhuma filosofia, ciência ou religião havia, até então, dado explicações lógicas, racionais, com base em fatos, num corpo de doutrina, num conjunto de princípios, a essas crenças e ideias. O Espiritismo veio preencher essa lacuna.

Antes de passarmos a palavra a Allan Kardec, chama-nos a atenção o nome da obra: *O Livro dos Espíritos*, e temos a explicação sobre esse nome na primeira página da obra, quando lemos:

"O Livro dos Espíritos. Filosofia espiritualista. Allan Kardec. Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade (segundo o ensinamento dos Espíritos superiores, através de diversos médiuns, recebidos e ordenados por Allan Kardec)."

A obra, portanto, foi escrita pelos Espíritos Superiores, ditada através de diversos médiuns, cabendo a Kardec o trabalho de organizar, estudar e dar a público esses ensinos. Isto nos leva a entender que o Espiritismo não é obra pessoal de Allan Kardec. No primeiro parágrafo da Introdução lemos a seguinte explicação:

"As palavras espiritual, espiritualista, espiritualismo têm uma significação bem definida; dar-lhes outra, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia (duplo sentido)."

Kardec chama o Espiritismo de Doutrina dos Espíritos, evidenciando sua origem, ou seja, os ensinos dos Espíritos. E continua:

"Diremos, portanto, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se o quiserem, os espiritistas."

Estava lançado para a humanidade o Espiritismo ou Doutrina Espírita, sendo seus adeptos os espíritas ou espiritistas.

No item 6 da Introdução, primeiro parágrafo, lemos:

"Os seres que se manifestam designam-se a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou Gênios, e dizem, alguns pelo menos, que viveram como homens na Terra. Constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal."

Ficamos sabendo que os Espíritos são os seres humanos que continuam vivos depois da morte do corpo físico. Não são seres sobrenaturais, fantasmas ou algo do tipo; por conseguinte, somos também Espíritos, e existe intercâmbio entre mortos e vivos, entre a dimensão espiritual e a dimensão material da vida.

No item 8, quando escreve sobre perseverança e seriedade no estudo da Doutrina Espírita, assevera:

"Acrescentemos que o estudo de uma doutrina como a espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova e grande, não pode ser feito proveitosamente senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado."

Kardec chama a nossa atenção para a necessidade do estudo metódico e profundo do

Espiritismo, pois que é uma Ciência — a Ciência do Espírito —, além de ser igualmente uma Filosofia e uma Religião, esta por conta das consequências morais dos seus princípios.

Muitos dos equívocos no entendimento e na prática do Espiritismo decorrem da ignorância dos seus princípios doutrinários — e este alerta é importantíssimo.

No item 17, Kardec amplia essa visão com as seguintes palavras:

"A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento encerra são muito sérios para serem adquiridos por outro modo que não por um estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento."

O Espiritismo é obra dos Espíritos, não é obra de Allan Kardec. Se fosse obra dele poderia perfeitamente ter cunhado o nome Kardecismo, mas isso ele não fez, chamando a nova crença de Doutrina dos Espíritos, Doutrina Espírita ou simplesmente Espiritismo.

O próprio Allan Kardec, no terceiro parágrafo do item 17, esclarece sem deixar dúvida:

"Se este livro não tivesse por fim mais do que mostrar o lado sério da questão, provocando estudos a respeito, isto já seria bastante e nos felicitaríamos por termos sido escolhidos para realizar uma obra sobre a qual não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, pois os princípios aqui expostos não são de nossa criação: o mérito é, portanto, inteiramente dos Espíritos que o ditaram."

Isso não tira o reconhecimento que temos a Allan Kardec pelo imenso trabalho de coletar, organizar, estudar. Trabalhou incansavelmente para elucidar seus princípios, publicando as obras, fazendo palestras, escrevendo nas páginas da *Revista Espírita*, num labor gigantesco, mas tudo submetendo aos ensinos e à revisão dos Espíritos Superiores. É assim que tivemos o nascimento do Espiritismo.

O autor é educador, escritor com 41 livros publicados e palestrante. Colabora no grupo on-line Seara de Luz, produz e apresenta programas espíritas na internet e é editor da revista "Educação Espírita" e do canal no YouTube "Orientação Espírita". Reside no Rio de Janeiro.

Avatar de IA devolve voz a médica

O engenho humano, quando aliado a valores elevados, pode criar pontes onde antes havia apenas barreiras

| **Mário** Frigéri | frigerimario@gmail.com

Utilizando registros anteriores — vídeos, áudios, imagens — e combinando-os com ferramentas avançadas de inteligência artificial (IA), uma equipe desenvolveu um avatar capaz de reproduzir sua voz, sua aparência e seu modo de se expressar

A cena, por si só, parece saída de um roteiro de ficção científica. Uma médica, privada da fala e quase totalmente imobilizada, dirige-se a uma plateia. Sua voz é clara, firme, reconhecível. Seu rosto se movimenta, seus gestos acompanham o raciocínio. Mas não é o seu corpo que fala. É um avatar — uma extensão digital que restitui ao mundo aquilo que a doença havia silenciado.

Maria Inês Quintana, psiquiatra respeitada, professora e pesquisadora, viu sua vida ser abruptamente transformada ao receber o diagnóstico de esclerose lateral amiotrófica (ELA). A doença avançou com rapidez implacável, retirando-lhe os movimentos e a fala em seis meses, sem, contudo, atingir sua capacidade intelectual. Permaneceu lúcida, consciente, plenamente capaz de pensar — mas impossibilitada de expressar-se.

Esse quadro, conhecido como “encarceramento”, constitui uma das mais dramáticas condições da experiência humana. A mente preservada observa, analisa, deseja agir, mas encontra-se confinada em um corpo que já não responde. No caso de Inês, o impacto não foi apenas pessoal. Foi também profissional. Uma médica dedicada à escuta e ao cuidado de pacientes viu-se privada justamente do instrumento essencial de sua atuação: a comunicação.

Foi nesse contexto que a tecnologia entrou como fator decisivo. Utilizando registros

anteriores — vídeos, áudios, imagens — e combinando-os com ferramentas avançadas de inteligência artificial (IA), uma equipe desenvolveu um avatar capaz de reproduzir sua voz, sua aparência e seu modo de se expressar. Aquilo que parecia perdido foi, em parte, reconstruído por meios digitais, permitindo que ela voltasse a participar de atividades acadêmicas e científicas.

Mais do que uma solução técnica, o que se observa é a restituição de presença. Não se trata apenas de “falar”, mas de estar no mundo, de interagir, de ensinar, de continuar exercendo um papel. A tecnologia, nesse caso, não substitui a pessoa; amplia sua possibilidade de atuação, contornando limitações impostas pela condição física.

A IA como extensão do humano

A inteligência artificial vem sendo frequentemente apresentada como ferramenta de automação, capaz de executar tarefas com rapidez e precisão. No entanto, casos como o de Maria Inês Quintana revelam uma dimensão mais profunda: a de extensão das capacidades humanas. A máquina não apenas realiza funções; ela passa a suprir lacunas deixadas pela fragilidade do corpo.

Quando a IA restitui a voz a quem a perdeu, ela deixa de ser mero recurso externo e assume o papel de prótese expressiva. Assim como uma prótese física substitui um membro, a inteligência artificial pode substituir — ou, mais precisamente, reconstruir — funções simbólicas essenciais, como a fala, a comunicação e a interação social.

O conceito de “gêmeo digital” avança ainda mais nesse sentido. Não se trata apenas de imitar aparência e voz, mas de treinar sistemas com base no histórico intelectual do indivíduo, permitindo que o avatar reproduza padrões de pensamento, linguagem e tomada de decisão. Surge, então, uma nova fronteira: a replicação funcional da presença humana.

As aplicações dessa tecnologia são amplas. Pacientes com doenças degenerativas, profissionais afastados por limitações físicas, indivíduos em situações de isolamento extremo podem encontrar, nesses recursos, meios de reinserção ativa na vida social e produtiva. O que antes significava exclusão pode, progressivamente, ser transformado em participação mediada.

É evidente que esse avanço levanta questões éticas relevantes. Até que ponto um avatar representa fielmente a pessoa? Onde termina o indivíduo e começa a máquina? Como garantir que a tecnologia permaneça sob controle e não substitua indevidamente a autonomia humana? Essas perguntas não diminuem o valor da conquista; antes, indicam a necessidade de maturidade no seu uso.

Apesar dos desafios, o saldo é inequívoco. A inteligência artificial, quando orientada por propósitos elevados, revela-se instrumento de humanização. Ela não afasta o homem de si mesmo; ao contrário, pode ajudá-lo a preservar aquilo que nele é essencial.

O drama por trás da inovação

Por trás do avanço tecnológico, permanece o drama silencioso da experiência individual. Nenhuma inovação elimina o impacto emocional de perder o corpo, de ver interrompida uma trajetória, de ser afastado da prática que dava sentido à própria existência. A tecnologia atua sobre os efeitos, mas não apaga a dor do processo.

No caso de Maria Inês, há um elemento particularmente significativo. Ela não apenas enfrenta a doença; enfrenta a interrupção de sua missão profissional. Seus pacientes, muitos deles em situações complexas, deixaram de contar com sua presença direta. A perda não foi apenas funcional, mas também relacional.

A voz, nesse contexto, adquire um valor simbólico profundo. Falar não é apenas emitir sons; é afirmar identidade, transmitir conhecimento, estabelecer vínculos. Ao recuperar a possibilidade de expressar-se — ainda que por meio de um avatar —, a médica recupera, em grande medida, sua condição de agente no mundo.

Outro aspecto digno de destaque é o papel da solidariedade. O projeto não nasceu de uma iniciativa isolada, mas do esforço conjunto de colegas, amigos e profissionais que se mobilizaram para encontrar uma solução. A tecnologia, nesse caso, foi impulsionada por um sentimento profundamente humano: o desejo de ajudar.

Mesmo sem poder demonstrar emoções de forma convencional, a médica expressou, por meio do sistema de comunicação ocular, aquilo que sentia diante dessa possibilidade: uma alegria interior, silenciosa, mas intensa. Esta sua frase — “estou sorrindo por dentro” — sintetiza o encontro entre dor e superação, limitação e esperança.

A inovação, portanto, não pode ser compreendida apenas em termos técnicos. Ela ganha sentido pleno quando vista à luz da experiência humana que procura aliviar. É nesse ponto que ciência e sensibilidade se encontram.

IA e Espiritismo mitigando as provações

À luz da Doutrina Espírita, o caso oferece elementos de reflexão particularmente ricos. A esclerose lateral amiotrófica configura uma prova severa, que atinge o corpo de maneira profunda, mas preserva a lucidez do Espírito. Essa dissociação entre mente e organismo confirma, de forma eloquente, a independência relativa do princípio inteligente em relação à matéria.

O chamado “encarceramento” não aprisiona o Espírito em sua essência, mas limita sua capacidade de manifestação. A consciência permanece ativa, o pensamento continua livre, mas os meios de expressão se reduzem drasticamente. É uma experiência que evidencia, com clareza, que o ser não se confunde com o instrumento que utiliza.

Nesse contexto, o avanço tecnológico pode ser compreendido como instrumento providencial. A ciência, fruto do desenvolvimento intelectual da Humanidade, integra o conjunto de recursos por meio dos quais a dor pode ser atenuada. Não se trata de suprimir a prova, mas de torná-la

menos áspera, mais suportável, mais fecunda.

A Doutrina Espírita ensina que o progresso moral e o progresso intelectual caminham juntos em seu objetivo final, mas nem sempre na mesma velocidade. Mesmo assim, à medida que o conhecimento avança, surgem condições mais favoráveis para o enfrentamento das dificuldades da vida. A tecnologia, quando bem orientada, torna-se expressão desse progresso, funcionando como alavanca de alívio e de reequilíbrio.

A restituição da voz por meio da inteligência artificial não elimina o desafio vivido pela médica, mas modifica sua qualidade. A prova deixa de ser absoluto isolamento e passa a incluir possibilidades de ação, de contribuição, de continuidade. O sofrimento não desaparece, mas se transforma.

Sob essa perspectiva, a inteligência artificial pode ser vista como nova forma de caridade. Ao permitir que alguém retome sua função, recupere sua dignidade profissional e volte a servir, ela amplia o alcance do auxílio ao próximo. A caridade, nesse caso, não se limita ao gesto direto; manifesta-se também por meio da inteligência aplicada ao bem.

Se o futuro confirmar essas possibilidades, poderemos assistir a uma transformação verdadeiramente revolucionária na maneira como a Humanidade enfrenta limitações severas. A dor continuará a existir, como elemento educativo, mas encontrará, cada vez mais, recursos que a iluminem e a suavizem.

O caso de Maria Inês Quintana não é apenas uma história comovente. É um sinal. Sinaliza que o engenho humano, quando aliado a valores elevados, pode criar pontes onde antes havia apenas barreiras. A voz que retorna, mesmo mediada por circuitos e algoritmos, é mais do que som: é a afirmação de que o Espírito encontra caminhos para expressar-se, mesmo quando a matéria parece negar-lhe passagem.

- Nota do autor: Artigo inspirado em reportagem publicado em *O Estado de S. Paulo*, em 2/5/26, sob o título “Médica foi paralisada por doença que estudava. Avatar de IA devolveu sua voz”.

O autor é poeta e escritor pelo coração e operador do Direito por profissão. Reside atualmente em Campinas, SP.

Sonhos instrutivos

Planejamento espiritual antecede descobertas no mundo material

| **Maroísa** F. Pellegrini Baio | maroisafpb@gmail.com

“Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção” (Dr. Demeure)

Em abril de 1866, Allan Kardec, que completaria 62 anos em outubro daquele ano, estava com a saúde abalada por causa de problemas cardíacos, recebendo orientações do benfeitor espiritual Dr. Demeure para que repousasse.

Breve parêntese antes de entrar no tema central deste artigo. É preciso fazer uma breve biografia sobre o Dr. Antoine Demeure, que fora médico homeopata da cidade de Albi, no sul da França. *“Seu caráter e o seu saber lhe haviam granjeado a estima e a consideração de seus concidadãos”*, nota Kardec em *O Céu e o Inferno*, acrescentando que *“sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis”*. Malgrado sua idade avançada, nenhum cansaço o detinha quando se tratava de ir cuidar gratuitamente dos enfermos pobres, aos quais também dava os medicamentos e, até mesmo, recursos para que comprassem o de que mais necessitassem para sua subsistência.

Embora não se conhecessem pessoalmente, uma grande amizade se estabeleceu, por carta, entre ambos. Narra Kardec que o bondoso médico *“havia abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrara a chave dos mais graves problemas, cuja solução não havia encontrado na ciência e na filosofia”*. Tornou-se um dos seus mais zelosos propagadores, não

somente por palavras, mas sobretudo por seus exemplos de homem de bem.

Dr. Demeure desencarnou em 25 de janeiro de 1865. Familiarizado com o mundo espiritual, não apenas passou a auxiliar Kardec em suas pesquisas como também tornou-se, na condição de amigo querido, um de seus mais importantes protetores espirituais, cuidando dele nas contingências do dia a dia e, em particular, nas que diziam respeito à sua saúde.

Fechemos o parêntese. Na *Revista Espírita* de junho de 1866, Kardec relatou um sonho curioso que lhe ocorrera nessa época.

"Durante a última doença que tivemos no correr de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e uma absorção quase contínuas; nesses momentos sonhávamos constantemente com coisas insignificantes, às quais não prestávamos a menor atenção. Mas na noite de 24 de abril, a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente chocados."

Kardec descreve então o sonho que muito o impressionou:

"Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam em grupo; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conserva quando, de repente, apareceu no canto de um muro uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçávamos por decifrar. Estava assim concebida: 'Descobrimos que a borracha rolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...'. *Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Com o receio de esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever."*

Naquele mesmo dia, Kardec teve a oportunidade de consultar o Dr. Demeure sobre sua saúde e aproveitou para perguntar sobre o sonho. A resposta é um tanto longa mas mostra a prudência de um Espírito esclarecido e dedicado à observação e ao estudo dos fenômenos espíritas. Primeiramente, ele trata da relação entre a natureza das doenças com os sonhos do doente, afirmando tratar-se de uma área de estudos para a qual a medicina daquela época ainda não se havia debruçado, por não aceitar a existência da alma:

"Esses sonhos numerosos que vos cercavam nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Todas as vezes que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas, quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais. Daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. Mais do que se pensa, o caráter dos sonhos se liga à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, a natureza dos sonhos pode, muitas vezes, ser indício do estado do

Espírito. Repito que é um estudo a fazer, até hoje negligenciado pela ciência, que não vê em toda a parte senão a ação da matéria e não leva em conta o elemento espiritual."

Depois dessa lúcida explicação, ele diz que o sonho vivenciado por Kardec é de outra natureza e que ele se informaria a respeito antes de dar uma resposta sem base segura. É inevitável não admirar a nobreza de seu caráter!

"O sonho que me assinalais, do qual guardastes uma lembrança tão clara, parece-me pertencer a uma outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção. Certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não tenho muita segurança. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido."

Cumprindo sua palavra, no dia seguinte Dr. Demeure trouxe a resposta a Kardec. Até mesmo nós ficamos curiosos! Os ensinamentos que ele traz mostram quão intensa é a atividade espiritual para os Espíritos verdadeiramente interessados e dedicados a trazer melhorias para a vida material, coletivamente!

"O que vistes no sonho que estou encarregado de explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é muito realmente uma manifestação, não de Espíritos desencarnados, mas de Espíritos encarnados. Sabeis que no sono, podeis encontrar-se com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que ocorreu nesta circunstância. Os que vistes são encarnados que se ocupam, separadamente e na maioria sem se conhecerem, com invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causado pelo gasto de materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que quiseram chamar a vossa atenção, como assunto de estudo psicológico sobre a reunião, num mesmo lugar, dos Espíritos de diversos homens perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outro objetivo senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há uns que procuram outras aplicações da borracha."

Dr. Demeure traz mais informações sobre essas reuniões de inventores encarnados que ocorrem no plano espiritual durante o sono do corpo físico, mesmo que, no plano material, não tenham nenhum contato entre si e muitas vezes nem sequer se conheçam:

"Ficai persuadido que assim o é muitas vezes e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, uma nova lei, ou um novo corpo, em diversos pontos do globo, seus Espíritos estudaram a questão em conjunto, durante o sono, e ao despertar, cada um trabalhou por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações. Notai bem que aí estão ideias de encarnados e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil (...). Não vos preciso dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito: sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas trazendo-lhe invenções acabadas (...). Nesse grande torneio da inteligência, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso."

As palavras do Dr. Demeure nos trazem a certeza de que nada acontece por acaso e que há um planejamento superior para a evolução da vida material. E tudo isso se dá porque infinita é a misericórdia divina. Depois dessas explicações, Kardec aproveita a oportunidade e faz a seguinte pergunta a ele:

"Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?"

A resposta, carregada de sabedoria, mostra a grandeza divina:

"Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar. Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza."

***

Que conclusão podemos tirar desse sonho de Kardec? De que ele, estando com o corpo debilitado, estava mais liberto espiritualmente e os Espíritos que o assistiam aproveitaram a oportunidade para lhe mostrar mais uma ocorrência no mundo espiritual, comum para eles. Nesse sonho, foi mostrado a Kardec o que aconteceria anos mais tarde com a "descoberta" do pneu![1] Aquilo que para nós surge como uma "grande descoberta" já havia sido tratada, discutida e planejada com muita antecedência no mundo espiritual!

1. O pneu pneumático (com ar) foi patenteado pela primeira vez em 1845, por Robert William Thomson, mas o modelo prático e popularizado foi desenvolvido por John Boyd Dunlop em 1888. Dunlop criou o pneu com câmara de ar para melhorar o conforto do velocípede de seu filho.

A autora é professora de matemática e atua como expositora e colaboradora do Grupo Espírita Allan Kardec, em Limeira, SP. Escreveu o livro "Allan Kardec em revista" (Ed. O Clarim).

Parábola dos trabalhadores da vinha

> Na parábola, pelo que se depreende, não se faz questão da quantidade do trabalho, mas, sim, da qualidade, e ainda mais, da permanência do obreiro até o fim

| Capítulo do livro “Parábolas e Ensinos de Jesus”, lançado em 1928

“Porque o Reino dos Céus é semelhante a um proprietário, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E feito com os trabalhadores o ajuste de um denário por dia, mandou-os para a sua vinha. Tendo saído cerca da hora terceira, viu estarem outros na praça desocupados, e disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha, e vos darei o que for justo. E eles foram. Saiu outra vez cerca da hora sexta, e da nona, e fez o mesmo. E cerca da undécima, saiu e achou outros que lá estavam e perguntou-lhes: Por que estais aqui todo o dia desocupados? Responderam-lhe: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes: Ide também para a minha vinha. À tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros. Tendo chegado os que tinham sido assalariados cerca da undécima hora, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensavam que haviam de receber mais; porém, receberam igualmente um denário cada um. Ao receberem-no, murmuravam contra o proprietário, alegando: Estes últimos trabalharam somente uma hora, e os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor extremo! Mas o proprietário disse a um deles: Meu amigo, não te faço injustiça; não ajustaste comigo por um denário? Toma o que é teu e vai-te embora, pois quero dar a este último tanto como a ti. Não me é lícito fazer o que me apraz do que é meu? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom? Assim os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.” *(Mateus, XX, 1–16.)*

As condições essenciais para os trabalhadores são: a constância, o desinteresse, a boa vontade e o esforço que fazem no trabalho que assumiram. Os bons trabalhadores se distinguem por estes característicos.

O mercenário trabalha pelo dinheiro; seu único fito, sua única aspiração é receber o salário. O verdadeiro operário, o artista, trabalha por amor à arte. Assim é em todas as ramificações dos conhecimentos humanos: há os escravos do dinheiro e há o operário do progresso. Na lavoura, na indústria, como nas Artes e Ciências, destacam-se sempre o operário e o mercenário.

O materialismo, a materialidade, a ganância do ouro arranjaram, na época em que nos achamos, mais escravos do que a vinha arranjou obreiros. Por isso, grande é a seara e poucos são os trabalhadores!

Na parábola, pelo que se depreende, não se faz questão da *quantidade* do trabalho, mas, sim, da *qualidade*, e ainda mais, da permanência do obreiro *até o fim*. Os que trabalharam na vinha, desde a manhã até a noite, não mereceram maior salário que os que trabalharam uma única hora,

dada a *qualidade* do trabalho.

Os que chegaram por último, se tivessem sido chamados à hora terceira, teriam feito, sem dúvida, o quádruplo do que fizeram aqueles que a essa hora foram para o serviço. Daí a lembrança do proprietário da vinha de pagar primeiramente os que fizeram aparecer melhor o serviço e mais desinteressadamente se prestaram ao trabalho para o qual foram chamados.

Esta parábola, em parte, dirige-se muito bem aos espíritas. Quantos deles por aí andam, sem estudo, sem prática, sem orientação, fazendo obra contraproducente e ao mesmo tempo abandonando seus interesses pessoais, seus deveres de família, seus deveres de sociedade!

Na seara chega-se a encontrar até os vendilhões que apregoam sua mercadoria pelos jornais como o mercador na praça pública, sempre visando a bastardos interesses. Ora são médiuns mistificadores que exploram a saúde pública; ora são "gênios" capazes de abalar os céus para satisfazer a curiosidade dos ignorantes. Enfim, são muitos os que trabalham, mas poucos os que ajuntam, edificam, tratam como devem a vinha que foi confiada à sua ação.

Há uma outra ordem de espíritas que nenhum proveito tem dado ao Espiritismo. Encerram-se entre quatro paredes, não estudam, não leem, e passam a vida a *doutrinar Espíritos*.

Não há dúvida que trabalham estes obreiros, mas pode-se comparar a sua obra com a dos que se expõem ao ridículo, ao ódio, à injúria, à calúnia, no largo campo da propaganda? Podem-se comparar os enclausurados numa sala, fazendo trabalhos secretos e as mais das vezes improfícuos, com os que sustentam, aqui fora, renhida luta e se batem, a peito descoberto, pelo triunfo da causa que desposaram?

Finalmente, a parábola conclui com a lição sobre os *olhos maus*: os invejosos que cuidam mais de si próprios que da coletividade; os personalistas, os egoístas que veem sempre mal as graças de Deus em seus semelhantes, e as querem todas para si.

Na História do Cristianismo, realça a Parábola da Vinha com os característicos dos seus obreiros. "O que era é o que é", diz o Eclesiastes; e o que se passou é o que se está passando agora com a revelação complementar do Cristo. Há os chamados pela madrugada, há os que chegaram à hora terceira, à hora sexta, à nona e à undécima. Na verdade, estamos na hora undécima e os que ouvirem o apelo e souberem trabalhar como os da hora undécima de outrora, serão os primeiros a receber o salário, porque agora, como então, o pagamento começará pelos últimos.

Ai dos que clamarem contra a vontade do Senhor da vinha! Ai dos malandros, dos mercenários, dos inscientes!

Colônia espiritual, mediunidade, contribuições para os centros em André Luiz

André Luiz traz a visão de Espírito desencarnado, observando, de lá para cá, as relações e influências espirituais na vida dos encarnados

| **Antonio** Cesar Perri de Carvalho | acperri@gmail.com

Em roda de conversa, o tema “Contribuições de André Luiz para o Centro Espírita” foi focalizado dentro da programação do 19º Congresso Estadual de Espiritismo, promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, na capital paulista, em junho de 2026. Com a coordenação de Walteno Silva, dirigente da USE-SP, tivemos atuação juntamente com Flávio Ottolini.

O tema motiva-nos desde os tempos dos estudos iniciais nos tempos de juventude, em nossa terra natal — Araçatuba, SP —, e aprofundou-se no desenvolvimento do programa do COEM — Centro de Orientação e Educação da Mediunidade (originário do C. E. Luz Eterna, de Curitiba), que implantamos pioneiramente no estado de São Paulo a partir do C. E. Luz e Fraternidade, em nossa cidade de origem, em janeiro de 1974.

Aos estudos, somaram-se os continuados contatos e visitas a Chico Xavier durante 20 anos, em Uberaba; diálogos com Alexandre Sech (de Curitiba), Jorge Andréa dos Santos (do Rio de Janeiro), Hernani Guimarães Andrade (de São Paulo), Elias Barbosa (de Uberaba).

Episódios e fatos marcantes dos estudos e contatos registramos no livro *Chico Xavier. O homem, a obra e as repercussões*.[1] Mais recentemente, em *Entre vidas. Cá e lá*,[2] relatamos nossas experiências de vida na interface interexistencial, fundamentadas em Allan Kardec e ilustrações práticas de obras de André Luiz.

A obra inicial do autor espiritual, *Nosso lar*,[3] lançada em 1944, é um marco histórico. Os relatos e descrições sobre a colônia espiritual provocaram impactos e geraram um filme, sucesso de bilheteria na cinematografia brasileira. A rigor, escrever sobre essas colônias não tem a primazia de André Luiz.

Sem os detalhamentos especificados com transformação moral, há obras que antecederam a psicografia de Chico Xavier sobre colônia espiritual. Entre outras, apontamos as obras de: Emanuel Swedenborg (séculos XVII e XVIII),[4] Andrew Jackson Davis (séculos XIX e XX) — *The after death — The Summerland*;[5] Rev. Robert Dale Owen (século XIX) **—** *Região em Litígio Entre este Mundo e o Outro*;[5] *Sir* Oliver Lodge (séculos XIX e XX) **—** *Raymond — Uma prova da sobrevivência da alma*, 1918.[4] Em data mais recente às obras citadas, até conhecemos pessoalmente o autor George Ritchie, psiquiatra norte-americano (*Return from Tomorrow*, 1978; no Brasil, *Voltar do amanhã*, 1980).[2]

Considerações básicas para pensarmos colônias espirituais, prévias a obras de André Luiz, encontram-se em obras de Kardec.

Em *O Livro dos Espíritos*, há colocações genéricas e superficiais sobre "o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas", com comentário de que "o mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo", que "é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem"; e, que os Espíritos "vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados".[6]

Sem dúvida, cabem muitas ilações sobre observações gerais do capítulo Laboratório do Mundo Invisível, de *O Livro dos Médiuns*, no diálogo de Kardec com o Espírito São Luís, e alguns comentários, como: "aos corpos inertes da terra correspondem outros, análogos, porém etéreos, no mundo invisível; de que a matéria condensada, que forma os objetos, pode ter uma parte quintessenciada, que nos escapa aos sentidos. (...) Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar." Anotação de que os Espíritos "pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades".[7]

Na *Revista Espírita*, em 1865, manifestação de Mesmer: "O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo."[8]

Cairbar Schutel, em obra lançada em 1932, anota: "O primeiro plano do Mundo Espiritual é bem parecido com o plano em que vivemos, o plano terrestre. Pode-se dizer que o nosso plano de vida aqui, na Terra, é uma cópia materializada do primeiro plano da Vida Espírita. O que existe na Terra, existe nesse plano do mundo espírita, sendo que ele contém ainda mais alguma coisa do que existe no nosso mundo. Mas é muito mais aperfeiçoado, mais belo, sem comparação; e tudo o que existe, está claro, é formado de matéria contida nesse plano de vida, ou mundo."[9]

Por outro lado, obras sobre as relações com o mundo espiritual, tradições e práticas vinculadas aos continentes africano e asiático, independentemente das terminologias e interpretações, fazem referências a ambientes semelhantes a colônias espirituais. Essas informações, com diferentes detalhes e conotações, surgem em várias partes do mundo.

Um aspecto notável são as antecipações de equipamentos e procedimentos tecnológicos com descrições desde *Nosso lar* (as obras de André Luiz, nas citações no texto, apresentam o ano de lançamento): porta automática/acesso digital; projetor multimídia; projeção com cinco imagens simultâneas; tomografia; edifícios modernos/torres; transporte tipo aeróbus; televisão; em *Obreiros da vida eterna* (1946)*:* registros vibratórios; naves de transporte; teletransporte/holografia (imagem integral em 3D); em *Libertação* (1949), o psicoscópio; videofone em *Nos domínios da mediunidade* (1955); GPS *em Ação e reação* (1957); telefone celular em *Sexo e destino*. Esses registros realizados em psicografias nos anos 1940–50 são surpreendentes e conferem com as informações que o nosso mundo corpóreo é uma reprodução do mundo espiritual.[10]

As descrições de André Luiz sobre o mundo espiritual merecem reflexões desde o versículo:

“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu” (Mateus, 18:18).

Após a obra inaugural sobre “a vida no mundo espiritual”, há contribuições específicas desse autor espiritual com recomendações sobre a prática e organização de reuniões mediúnicas com base em princípios expressos nas obras básicas do Codificador.

Em obra obtida a partir de psicofonias de Chico Xavier, *Instruções psicofônicas* (1956), André Luiz traz apontamentos para a condução dessas sessões mediúnicas.[10]

Com temas centrais específicos sobre mediunidade, destacamos*: Nos domínios da mediunidade* (1955), contendo ilustrações sobre vários tipos de mediunidade e sua prática, descrição de caso de manifestação anímica reportando-se ao passado; em *Mecanismos da mediunidade* (1960), há comentários sobre várias ações anímicas e mediúnicas com o objetivo de colaborar na elucidação dos problemas do intercâmbio; na obra *No mundo maior*, surgem informações sobre alguns setores das esferas espirituais (relações entre dimensões) e influências sobre os encarnados.[10]

Um livro que desenvolve especificamente o funcionamento das chamadas reuniões de desobsessão (*Desobsessão*, 1964)[10], aborda de maneira didática e com ilustrações as várias etapas delas, com o objetivo de auxiliar aqueles que se vinculam a essas reuniões nos centros.

Desde nosso precoce envolvimento com questões práticas e estudos relacionados com mediunidade,[2] testemunhamos, ao longo de seis décadas, as repercussões benéficas que as obras de André Luiz prestaram aos centros espíritas.

Para complementar nossa linha de observação, referimo-nos ao conceituado filósofo e jornalista José Herculano Pires. Em diversas obras, faz referências e transcreve textos de André Luiz. Entre outras, anotamos: cita *Mecanismos da mediunidade* em *Conversa sobre mediunidade. Curas, obsessões, sonhos*;[11] transcreve mensagens de André Luiz em obras elaboradas em parceria com Chico Xavier: *Diálogo dos vivos*, *Na era do Espírito*, *Amanhece*, *Astronautas do além*.[12]

Após os lançamentos de obras de André Luiz sobre o mundo espiritual, surgiram inúmeras outras, provenientes de variados autores espirituais, publicadas por diversas editoras — e continuam a surgir. Sabe-se que geralmente, nas editoras, passam por análises previamente à publicação, fato indicativo que se trata de informações espirituais emergindo de várias fontes.

Consideramos as obras de André Luiz como subsidiárias das básicas de Kardec, enriquecendo com ilustrações as relações entre as dimensões incorpóreas e as dos encarnados. O Codificador atuou como o intelectual, atento observador, analisador e sintetizador das mensagens de manifestações ocorridas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e outras oriundas de diversos grupos espíritas. Kardec registra princípios básicos e orientações pertinentes ao início das práticas espíritas. André Luiz segue o roteiro kardequiano e as detalha a partir da visão de Espírito desencarnado, observando, de *lá* para *cá*, as relações e influências espirituais na vida dos encarnados.

Interessante é que as fontes que arrolamos de informações espirituais — obtidas por mediunidade ou animismo em diferentes locais, anteriores ou concomitantes a André Luiz, em linhas gerais e sem detalhamentos — apresentam indícios de universalidade para compreendermos as variadas instâncias do mundo espiritual.

1. CARVALHO, Antonio Cesar Perri. *Chico Xavier. O homem, a obra e as repercussões*. 2.ed. São Paulo: USE, Capivari: EME, 2019. 223p.
2. Idem. *Entre vidas. Cá e lá.* Matão: Casa Editora O Clarim, 2026. 223p.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar.* Pelo Espírito André Luiz. 4.ed. esp. Brasília: FEB, 2010. 319p.
4. CARVALHO, Antonio Cesar Perri. *Entre a matéria e o espírito.* Matão: Casa Editora O Clarim, 1991. 223p.
5. WIKIPEDIA. Consulta em 18/6/2026.
6. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1989. Parte 2ª. Cap. I. Q. 84-87.
7. Idem. *O Livro dos Médiuns.* Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Parte 2ª. Cap. VIII.
8. Idem. *Revista Espírita*. 1865. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, 1968. Cap. Sobre as criações fluídicas. p. 153-155.
9. SCHUTEL, Cairbar. *A vida no outro mundo.* Matão: Casa Editora O Clarim, 1969. Cap. XIX.
10. XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz. *Instruções psicofônicas* (2013); *Obreiros da vida eterna* (2003); *Nos domínios da mediunidade* (2003); *Mecanismos da mediunidade*; *Ação e reação* (2003); *Libertação* (2003); *Sexo e destino* (2003); *No mundo maior* (2003); *Desobsessão* (1975). FEB.
11. PIRES, José Herculano; GARCIA, Wilson (Org.). *Mediunidade, curas espirituais, obsessões, sonhos.* São Paulo: Paideia, 2021. 404p.
12. XAVIER, Francisco Cândido; Espíritos diversos; PIRES, José Herculano. *Na era do Espírito* (1973); *Astronautas do além* (1973); *Diálogo dos vivos* (1974); *Amanhece* (1976). GEEM.

O autor foi presidente da FEB, da USE-SP e membro da Comissão Executiva do CEI.

A grandeza da renúncia em nome do amor

É o apogeu dos filhos do Altíssimo no amor puro e em seu grau mais pleno.

| **Jaime** Facioli | jaimefacioli.adv@uol.com.br

Quadro “Studie zu den Händen eines Apostels” (“Estudo para as mãos de um Apóstolo”), de Albrecht Dürer (1508)

Na jornada das provas e expiações, há um tema que as criaturas do Divino olvidam falar e não gostam de especular. Em geral, parecem temer o enfrentamento do tema da ansiedade nas atividades cotidianas, sobretudo quando ela sobrecarrega aqueles que não

lidam bem com múltiplas tarefas, chegando até a exclamar: *“Deus me livre!”*

A questão parece realmente assustadora, e não lhe damos a devida atenção. Por isso, quando o problema surge em nosso arraial, temos a sensação de que os acontecimentos se passam com o vizinho e não nos dizem respeito. No outro polo, todavia, muitos dos que jornadeiam pelo planeta de provas e expiações já estão conscientes de que a vida continua após a vida. Por essa razão, vez ou outra, quando as oportunidades se fazem presentes, conseguem manter um diálogo esclarecedor sobre esse momento que ocorrerá não somente no nosso vizinho, mas também na nossa casa.

Felizmente, não obstante as mais de 4.000 religiões espalhadas por esse mundo de Deus, pode-se asseverar que a maioria esmagadora — senão todas — acredita na vida além da vida. Divergem certamente sobre o destino da alma após a desencarnação, sobre o céu e o tal do inferno — que de fato não existe. Mas, a grande verdade é que mantêm a esperança de que após a grande viagem existe a vida, o mundo de onde procedemos.

Não há como negar que, ao examinar a questão número 4 de *O Livro dos Espíritos*, encontramos a confirmação da promessa do Cristo. Quando o codificador indaga aos Espíritos onde se pode encontrar a prova da existência de Deus, a resposta, simples e irrefutável, declara: “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá.”

Ora, segundo o esclarecimento dos venerandos Espíritos: “Para crer-se em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da criação. O Universo existe; ele tem, pois, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e adiantar que o nada pôde fazer alguma coisa.”

Crendo na promessa do Divino Jardineiro de que não nos deixaria órfãos, fácil se torna entender, sob os ditames da questão número 133 de *O Livro dos Espíritos*, que fomos criados pelo Senhor do Universo simples e ignorantes.

Com essa paráfrase, mais cedo ou mais tarde — em verdade, mais cedo do que imaginamos —, voltaremos à pátria espiritual de onde procedemos, realizando a grande viagem de retorno. Levaremos na bagagem apenas o que plantamos na viagem da vida. É infalível a realidade de que não há causa ou efeito para temer o momento do retorno à casa do Pai Celestial. É verdade, outrossim, que será preciso coragem para apresentar as contas dos atos e procedimentos na viagem de resgate colhendo os frutos plantados.

Nada mais oportuno, nos momentos de despedida, do que parafrasear nosso querido Chico Xavier e dizer: “Se eu morrer antes de você, faça-me um favor: Chore o quanto quiser, mas não brigue com Deus por Ele haver-me levado. Se não quiser chorar, não chore. Oh! Se não conseguir chorar, não se preocupe. Se tiver vontade de rir, ria. Se alguns amigos contarem algum fato a meu respeito, ouça e acrescente sua versão. Se me elogiarem demais, corrija o exagero. Com a mesma origem, se me criticarem demais, defenda-me. Se me quiserem fazer um santo, só porque morri, mostre que eu tinha um pouco de santo, mas estava longe de ser o santo que me pintam. Se me quiserem fazer um demônio, mostre que eu talvez tivesse um pouco de demônio, mas que a vida inteira eu tentei ser bom e amigo. Espero estar com Ele o suficiente para

continuar sendo útil a você, lá onde estiver. E se tiver vontade de escrever alguma coisa sobre mim, diga apenas uma frase: ‘Foi meu amigo, acreditou em mim e me quis mais perto de Deus.’ Aí, então, derrame uma lágrima. Eu não estarei presente para enxugá-la, mas não faz mal. Outros amigos farão isso no meu lugar. E, vendo-me bem substituído, irei cuidar de minha nova tarefa no céu. Mas, de vez em quando, dê uma espiadinha na direção de Deus. Sim. Você não me verá, mas eu ficaria muito feliz vendo você olhar para Ele. E, quando chegar a sua vez de ir para o Pai, aí, sem nenhum véu a separar a gente, vamos viver, em Deus, a amizade que aqui Ele nos preparou. Se você já apreendeu essas lições, então ore para que nós vivamos como quem sabe que vai morrer um dia, e que morramos como quem soube viver direito. Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente, e se inaugura aqui mesmo o seu começo. Mas, se eu morrer antes de você acho que não vou estranhar o céu. Ser seu amigo... já é um pedaço dele!”

Diante da imorredoura poesia, a pena pede licença ao irmão de todas as horas, o saudoso Divaldo Franco, continuando a jornada da vida, para o incomensurável relato da renúncia em nome do amor, imbatível amor, com a verve assim disposta para todo o sempre. Relata o encantador de narrativas, ilustrando a grandeza do amor, sobre Albrecht Dürer, o excelente pintor alemão, que antes de notabilizar-se, necessitando estudar, combinou com um jovem amigo, igualmente artista, de procurarem um núcleo de maior cultura. Mudariam de cidade para que ambos pudessem aprimorar seu estilo.

Os dois jovens artistas, sem dispor de um mecenas, ou seja, um financiador ou padrinho que os ajudasse, estabeleceram um plano: um trabalharia como lavador de pratos, enquanto o outro estudaria pintura. Assim, com a venda dos primeiros quadros, o que trabalhava passaria também a estudar. Chegando ao objetivo pretendido, Dürer afirmou: “Eu me dedicarei ao trabalho de lavar pratos.” Contudo, o companheiro respondeu: “Não. Eu sou mais velho e já tenho emprego no restaurante.”

Dessa forma, graças à disposição do amigo, Dürer começou a estudar e a pintar. E depois de um tempo, reunira uma soma que permitiria ao companheiro estudar também. Ele enfim deixou o trabalho no restaurante e se dirigiu à escola. Percebeu, porém, que a atividade rude lhe destruíra a sensibilidade tátil, desequilibrara o ritmo motor. Deu-se conta de que nunca atingiria a genialidade, ainda mais ao descobrir a qualidade superior de Dürer. Dotado de sentimentos nobres, renunciou à carreira e retornou ao trabalho de lavador de pratos.

Numa noite em que Dürer voltou ao estúdio, ao abrir silenciosamente a porta, estacou na sombra, vendo pela claraboia do teto o reflexo do luar que penetrava pelo cômodo. A luz alumiava duas mãos postas em atitude de prece. Meu Deus! O amigo, ajoelhado, rogava bênçãos para o companheiro triunfar na pintura. Dürer, comovido ante a cena, imortalizou-a numa pequena tela, que passou à posteridade como “Estudo para as mãos de um Apóstolo”, para o altar de Heller, hoje na galeria Albertina, em Viena.

Destarte, a renúncia em nome do amor é o apogeu dos filhos do Altíssimo no amor puro e em seu grau mais pleno. Que responda a consciência do justo por excelência em nome do amor. A resposta é positiva. Há incontáveis Espíritos que iluminam a vida, bela, colorida e consentida, entre eles, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, São Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Joanna de Ângelis, Vianna de Carvalho, Hippolyte Léon Denizard

Rivail, o Bandeirante do Espiritismo Cairbar Schutel, e infindáveis filhos de Deus diplomados espalhados pela universidade da existência, vivendo graus de renúncia, no expoente Jesus de Nazaré.

A renúncia é a emoção dos Espíritos superiores transformada em bênçãos pelo caminho dos homens. Quem renuncia estabelece, para o próximo, a diretriz do futuro em clima de paz.

A renúncia é melhor para quem a oferece. Poder ceder, quando é fácil disputar; reconhecer o valor de outrem, quando se lhe está ao lado, ensejando-lhe oportunidade de crescimento; ajudar sem competir, entre outras, são expressões elevadas da renúncia que dá à vida um sentido de significativa grandeza. Felizes aqueles que hoje cedem para amanhã receber; os que agora doam para mais tarde enriquecer; os que compreendem que a verdadeira felicidade consiste em ajudar e passar, sem impor nem tomar. Quem renuncia enriquece a alma de paz, granjeando a gratidão da vida pelo que recebe (livro *Receitas de paz*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL).

Com essas considerações, segue nosso ósculo depositado em seus corações, com a oblata da fraternidade universal, com votos de um ótimo final de semana, em nome de Jesus de Nazaré.

O autor é advogado e vice-presidente do Centro Espírita Paz e Amor na cidade de Americana, SP.

Filho de Davi

O significado do título atribuído a Jesus, à luz da Doutrina Espírita

| **Alvaro** Vargas | alvaroaugustovargas@gmail.com

A designação de Jesus como “Filho de Davi” possui profundo significado histórico, teológico e espiritual. Frequentemente evocada por aqueles que buscavam cura ou reconheciam em Jesus a autoridade messiânica, tal expressão remete diretamente às expectativas do povo judeu quanto à vinda do Messias prometido.

Esse título é recorrente nos Evangelhos canônicos, segundo diversas citações: no clamor dos cegos — *“Dois cegos estavam sentados à beira do caminho e, quando ouviram falar que Jesus estava passando, puseram-se a gritar: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!”* (*Mateus*, 20:30–31); no episódio da mulher cananeia: *“Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada”* (*Mateus*, 15:22); após curar cegos e coxos no Templo de Jerusalém, as crianças clamaram: *“Hosana ao Filho de Davi!”* (*Mateus*, 21:15) — ocasião em que Jesus não contestou tal designação, confirmando implicitamente a sua identidade messiânica; no clamor popular ao curar um cego e um mudo — *“Todas as turbas ficaram extasiadas e diziam: acaso não é este o filho de Davi?”* (*Mateus*, 12:23), e na entrada triunfal em Jerusalém: *“Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!”* (*Mateus*, 21:9).

O motivo de Jesus receber esse título estava ligado à tradição judaica, referente às profecias sobre a vinda do Messias. Segundo a Torá (Antigo Testamento), Deus prometeu a Davi (1040 a.C.–970 a.C.), um dos maiores reis de Israel, que um de seus descendentes teria um reino eterno (2 *Samuel*, 7:12–16). Os judeus esperavam que o Messias (o Salvador prometido) viesse da sua linhagem. Os profetas posteriores reforçaram essa expectativa, como Isaías (11:1) e Jeremias (23:5), consolidando a crença de que o Messias viria da linhagem davídica. Em conformidade com essa tradição, os Evangelhos de Mateus (1:1–17) e Lucas (3:23–38) apresentam genealogias que vinculam Jesus à casa de Davi.

Segundo o costume judaico, quem confere a linhagem tribal e genealógica ao filho é o pai; portanto, essa linhagem — relevante para o título messiânico — é patrilinear, o que leva à conclusão de que o carpinteiro José foi o pai biológico de Jesus. Contudo, os teólogos da Igreja Católica Romana formularam o dogma da Trindade, no qual Jesus teria sido concebido pelo Espírito Santo por meio de um nascimento virginal. Caso fosse verídico, isso negaria a paternidade de José, invalidando as próprias afirmativas do Mestre Nazareno e as descrições dos evangelistas Lucas e Mateus, visto que o requisito genealógico não teria sido cumprido. Mesmo que, posteriormente, os teólogos tentassem corrigir esse equívoco, argumentando que Maria de Nazaré também seria descendente de Davi, isso não resolveria a questão, pois no judaísmo, essa linhagem não é transmitida pela mãe.

O dogma da Trindade (um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo) foi formulado entre os séculos IV e V e adotado formalmente a partir do *Concílio de Niceia* (em 325 d.C., a pedido do imperador Constantino I). Essa tese foi posteriormente ratificada e complementada no *Concílio de Constantinopla* (em 381). Embora sejam compreensíveis as razões pelas quais esse dogma foi criado — como medida para esclarecer a natureza divina de Jesus e apaziguar divergências doutrinárias existentes nos primeiros séculos do Cristianismo, como o Arianismo (de Ário), que afirmava que Jesus seria uma criatura elevada, mas não Deus pleno, em contraposição a outras correntes que negavam a distinção entre Pai e Filho ou a própria divindade do Cristo —, assim como os demais dogmas, esse conceito permaneceu como um mistério teológico, uma "revelação" acima da compreensão plena da razão.

Contudo, a distinção entre Deus e Jesus é esclarecida pelo próprio Cristo ao encontrar-se com Maria de Magdala, após a "ressurreição": *"Não me toques, pois ainda não subi ao meu Pai. Vai aos meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus"* (*João*, 20:17). E, na sua súplica, durante a sua crucificação: *"Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem"* (*Lucas*, 23:34).

Se ele fosse o próprio Deus, não teria orientado Maria de Magdala conforme citado, nem dirigido essa súplica ao Altíssimo. Provavelmente prevendo desvios da essência do Evangelho (como de fato ocorreu), o apóstolo Paulo, que conheceu pessoalmente Maria de Nazaré, tratou da questão de sua divindade: *"Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei"* (*Gálatas*, 4:4). Sendo nascido de mulher e segundo as leis biológicas, é obvio que Jesus teve um corpo carnal como todos os demais habitantes terrenos. A citação de Paulo não admite outra conclusão.

Do ponto de vista espírita, tais controvérsias decorrem da tentativa humana de explicar, por meio de formulações dogmáticas, realidades que transcendem a compreensão literal. O fato de Jesus ter realizado inúmeros prodígios foi interpretado por muitos como uma ação divina, que só Deus poderia realizar. Mas, dogmatizar essa questão através de uma fé cega não é a melhor decisão. Conforme esclarece Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*: *"A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade"* (cap. XIX, item 7). Assim, a análise racional dessas questões convida à superação de interpretações puramente materialistas ou dogmáticas, conduzindo a uma compreensão mais ampla da natureza de Jesus.

O Espiritismo refuta a tese da Trindade, visto que Deus é único, indivisível e imaterial — não podendo ser concebido como dividido em pessoas distintas. Em concordância, no Judaísmo a Trindade é inaceitável, pois a ideia de múltiplas "pessoas" em Deus é vista como incompatível. Da mesma forma, o Islamismo também rejeita totalmente esse dogma, considerando Deus (Alá) absolutamente uno — sendo Jesus reconhecido, no Islã, como um profeta, não como entidade divina.

Essa dificuldade dos teólogos católicos em definir Jesus relaciona-se com o fato de não aceitarem a reencarnação. Deus nos criou como Espíritos simples e ignorantes, evoluindo através de múltiplas reencarnações. A nossa linhagem biológica pertence ao corpo físico, mas a identidade real pertence ao Espírito imortal. Segundo Allan Kardec (*O Livro dos Espíritos*,

questão 114), *"os Espíritos se melhoram, passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita"*. Jesus, nesse contexto, representa o ápice dessa evolução, não sendo definido por vínculos terrenos, mas por sua perfeição moral. Assim, o título "Filho de Davi" possui valor histórico e simbólico, mas não define a essência do Cristo.

Como cocriador da Terra e governador espiritual do planeta, a sua autoridade não deriva de linhagem humana, mas de sua perfeição moral e evolução espiritual, adquirida ao longo de sua trajetória evolutiva em outros planetas. Dessa forma, a identidade de Jesus transcende qualquer vinculação genealógica. Sua missão não está condicionada à linhagem de Davi, mas à sua condição de Espírito superior incumbido de guiar a Humanidade. Ele não foi apenas um profeta ou reformador moral, mas um Espírito puro, o mais elevado que já esteve na Terra e segundo Allan Kardec (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. I, item 3), o "guia e modelo" para a Humanidade. Caso a concepção de Jesus tivesse sido diferente dos demais seres humanos, ele não poderia ser categorizado como o modelo a ser seguido e toda a sua missão poderia configurar-se como uma fraude. Inclusive, mesmo em Jerusalém, essa superioridade moral foi evidenciada durante uma manifestação mediúnica no Templo, quando o Espírito Davi se manifestou, repetindo uma citação de sua autoria (*Salmo*, 110:1), chamando-o de Senhor (*Marcos*, 12:35–37), demonstrando a ascendência e autoridade espiritual de Jesus.

A encarnação messiânica de Jesus teve o objetivo de acelerar o ritmo da evolução espiritual da Humanidade, por meio da observância dos seus ensinamentos — um código moral que orienta a superação dos instintos primitivos e incentiva a mudança de conduta, a fim de nos libertar do ciclo doloroso das provas e expiações. O título "Filho de Davi", embora relevante no contexto histórico e religioso do judaísmo, não esgota a compreensão da natureza do Mestre Nazareno. À luz da Doutrina Espírita, essa designação deve ser entendida como uma referência circunstancial à sua encarnação, sem implicações sobre sua essência espiritual. Jesus não é grande por sua linhagem, mas por sua perfeição. Sua autoridade não deriva de vínculos humanos, mas de sua condição de Espírito puro, coordenando o nosso processo evolutivo.

Como ensina Allan Kardec, a verdadeira fé deve estar em harmonia com a razão, conduzindo o homem à compreensão das leis divinas. Assim, o Espiritismo eleva a interpretação do "Filho de Davi", deslocando-a do plano material para o espiritual, onde se revela, em sua plenitude, a grandeza incomparável do Cristo.

O autor é Engenheiro Agrônomo-Ph.D., presidente da USE-Piracicaba e palestrante espírita.

Perdão e dignidade

A necessária distinção entre compaixão e complacência

| **André** Luiz Rabello | andrerab@gmail.com

(...) quando se estabelece padrão de desrespeito contínuo, quando alguém nos agride repetidamente sem demonstrar intenção de mudança, permanecer nesta dinâmica não constitui virtude, e sim, erro

O perdão ocupa lugar de destaque na Doutrina Espírita, sendo frequentemente apresentado como virtude essencial ao progresso moral da criatura humana. Allan Kardec, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, dedica capítulo inteiro ao tema, explorando a máxima evangélica do perdão das ofensas e sua importância para a evolução espiritual. Contudo, uma interpretação equivocada deste preceito tem levado muitas pessoas a permanecer em situações de sofrimento continuado, acreditando que suportar maus-tratos constitui exercício de perdão e resignação cristã. Esta compreensão distorcida merece análise cuidadosa à luz dos princípios espíritas, pois confunde clemência com passividade, tolerância com submissão.

A questão que se apresenta não é simples. O Espiritismo nos ensina que viemos à Terra para evoluir, lapidar nossas imperfeições e desenvolver virtudes. O perdão se insere nesse contexto como ferramenta libertadora, capaz de desfazer laços de ódio e ressentimento que nos prendem a ciclos dolorosos de vinganças e retaliações. Emmanuel, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, aborda repetidamente este tema, lembrando-nos de que perdoar é libertar-se das algemas invisíveis que nos prendem aos nossos algozes. No entanto, o mesmo Emmanuel também nos alerta para a necessidade de discernimento, pois o perdão não significa conivência com o erro nem perpetuação de situações prejudiciais.

Perdoar não é compactuar com o mal, mas libertar-se do seu jugo emocional. Esta distinção

revela-se fundamental. Podemos perdoar alguém que nos ofendeu sem necessariamente manter proximidade. Podemos liberar nosso coração do rancor sem aceitar que novos agravos nos sejam infligidos. O perdão genuíno acontece no íntimo, na transformação de nossos sentimentos, não na manutenção de vínculos nocivos.

André Luiz, em *Nosso Lar*, obra psicografada por Chico Xavier, descreve situações em que Espíritos desencarnados precisam afastar-se de entidades perturbadoras para prosseguir em seu processo evolutivo. Este afastamento não representa falta de caridade ou ausência de perdão, mas, sim, proteção necessária e exercício de bom senso. Se no plano espiritual reconhece-se a legitimidade do distanciamento quando necessário ao próprio equilíbrio, quanto mais na vida física, em que as agressões podem assumir formas devastadoras.

A resignação cristã — tão mencionada nas obras espíritas — refere-se à aceitação das provas inerentes à existência terrena, das dificuldades que não podemos evitar e que servem ao nosso aprendizado. Não se trata, porém, de aceitar passivamente todo tipo de violência ou humilhação. Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, esclarece que as provas têm propósito educativo, visam ao crescimento moral, jamais à destruição da dignidade humana. Quando uma situação deixa de ser educativa para tornar-se meramente destrutiva, quando os maus-tratos se sucedem sem possibilidade de transformação ou aprendizado, permanece o direito e até o dever de proteger-se.

Kardec, no capítulo XII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, reflete se devemos sempre oferecer a face esquerda a quem nos feriu a direita. E conclui com sabedoria que não nos cabe provocar nosso próprio martírio, pois o perdão não exige autodestruição. Jesus, quando questionado e ofendido perante o Sinédrio, não permaneceu calado nem aceitou as acusações injustas; defendeu-se com dignidade. O Cristo perdoou seus algozes na cruz, mas não buscou ativamente a crucificação nem incentivou que outros o maltratassem.

Há diferença substancial entre perdoar uma ofensa pontual e submeter-se a abusos sistemáticos. O perdão liberta quando aplicado a eventos específicos, a falhas humanas compreensíveis, a momentos de fraqueza alheia. Mas quando se estabelece padrão de desrespeito contínuo, quando alguém nos agride repetidamente sem demonstrar intenção de mudança, permanecer nesta dinâmica não constitui virtude, e sim, erro. Não exercitamos o perdão; alimentamos o ciclo da violência, tornando-nos cúmplices de nossa própria destruição.

Divaldo Franco, em suas palestras sobre relacionamentos e autovalorização, frequentemente abordava este tema. E nos lembrava de que o amor-próprio, quando equilibrado, não representa egoísmo, mas reconhecimento de nossa natureza divina. Somos filhos de Deus, centelhas do Criador em processo de desenvolvimento. Permitir que esta centelha seja constantemente apagada pela violência alheia não honra nossa origem nem contribui para nosso progresso. Pelo contrário, pode gerar marcas profundas em nosso perispírito, suscitando traumas que atravessarão encarnações.

A instrução evangélica diz que devemos perdoar setenta vezes sete vezes, o que não significa necessariamente conviver. Podemos perdoar o agressor, desejar-lhe bem, orar por sua transformação, e ainda assim manter distância segura. Esta aparente contradição resolve-se quando compreendemos que o verdadeiro perdão acontece no coração, na dissolução do ódio, na

eliminação do desejo de vingança. Posso perdoar sinceramente alguém que jamais tornarei a ver.

A caridade, outro pilar fundamental da Doutrina Espírita, também merece ser compreendida adequadamente nesse contexto. Ser caridoso não significa aceitar tudo de todos. Jesus expulsou os vendilhões do templo, demonstrando que há momentos em que a firmeza se faz necessária. Paulo de Tarso, em suas epístolas, orienta os primeiros cristãos a se afastarem daqueles que causam divisão e escândalo. A caridade bem compreendida inclui cuidado com o próprio bem-estar, pois somente preservando nosso equilíbrio poderemos auxiliar efetivamente o próximo.

Joanna de Ângelis, em *Conflitos Existenciais*, aborda a questão da dependência emocional e dos relacionamentos tóxicos, demonstrando como muitas pessoas permanecem em situações destrutivas sob justificativas aparentemente nobres. Porém, o amor verdadeiro não escraviza nem destrói. Quando um relacionamento, seja ele familiar, amoroso ou de amizade, caracteriza-se por agressões constantes, manipulação emocional, humilhações sistemáticas, não estamos diante de vínculo a ser preservado a qualquer custo, mas de situação que exige transformação ou rompimento.

Viemos à Terra para progredir, não para nos anular. Cada encarnação representa oportunidade de desenvolvimento, superação de limitações e construção de virtudes. Quando permanecemos em ambiente onde somos constantemente desrespeitados, onde nossa dignidade é pisoteada, onde não encontramos mínimo espaço para crescimento pessoal, não estamos cumprindo nossa missão evolutiva. Estamos, na verdade, desperdiçando preciosa oportunidade de progresso.

O perdão autêntico nasce da compreensão. Quando entendemos que aquele que nos ofende age segundo suas limitações atuais, movido por suas imperfeições e dores, conseguimos perdoar sem alimentar rancor. Mas esta compreensão não nos obriga a permanecer sob o fogo da agressão. Posso compreender que determinada pessoa age mal porque ainda não desenvolveu certas virtudes, posso perdoá-la por isto, mas também posso preservar minha integridade física, emocional e espiritual.

Léon Denis, ao discorrer sobre as leis morais que regem o Universo, enfatiza que cada ser possui responsabilidade sobre sua própria evolução. Não podemos terceirizar esta responsabilidade nem abdicar dela sob pretexto de caridade ou perdão. Cuidar de si mesmo, proteger-se de situações nocivas, estabelecer limites saudáveis nos relacionamentos, tudo isto faz parte do trabalho evolutivo que nos cabe realizar. A permissividade ilimitada não eleva ninguém; pelo contrário, pode retardar o progresso de todos os envolvidos na dinâmica destrutiva.

Chico Xavier, exemplo vivo de perdão e caridade, também estabeleceu limites quando necessário. Afastou-se de situações prejudiciais, protegeu-se de explorações indevidas, sempre com mansidão, mas com firmeza. Sua vida demonstra que santidade não significa aceitação passiva de todo tipo de abuso. O médium mineiro perdoava sempre, mas não se colocava deliberadamente em posição de mártir nem incentivava que outros o maltratassem.

Jesus veio trazer a lei do amor, não a lei da escravidão. O amor verdadeiro respeita, edifica, transforma. Se um relacionamento se caracteriza pelo oposto disto, gerando apenas dor, humilhação e retrocesso, não podemos chamá-lo de amor nem justificar sua manutenção com argumentos espirituais. O Espiritismo, doutrina de bom senso e racionalidade, não nos pede

sacrifícios inúteis nem sofrimentos desnecessários.

Concluindo, o perdão permanece como virtude indispensável ao nosso progresso espiritual. Devemos cultivá-lo, desenvolvê-lo, praticá-lo sempre, o que é diferente de anular-se, pois ele não exige que nos submetamos a maus-tratos contínuos, não demanda a permanência em situações destrutivas. Podemos perdoar preservando nossa dignidade; podemos ser caritativos sem ser capachos; podemos exercitar a tolerância sem perder o autorrespeito. Os limites do perdão encontram-se precisamente onde começa a destruição de nossa essência, onde a convivência deixa de ser educativa para tornar-se apenas demolidora. Respeitar estes limites não representa falha moral, mas exercício de discernimento e responsabilidade evolutiva.

Que possamos perdoar sempre, com sinceridade e profundidade, mas que também saibamos proteger a centelha divina que habita em nós, honrando assim nossa condição de Espíritos em marcha ascensional rumo à perfeição.

O autor é membro da Fraternidade Espírita Amor e Paz, no Rio de Janeiro.

Filme sobre as irmãs Fox será lançado em 2026

Com elenco internacional, produção conta a história das pioneiras do espiritualismo

| **Cássio** Leonardo Carrara | cassio@oclarim.com.br

Está previsto para o segundo semestre deste ano o lançamento nos cinemas brasileiros do longa-metragem *The Fox Sisters* (*As Irmãs Fox*), produção da Cinética Filmes, em coprodução com a Buena Vista Internacional e com distribuição da Film Connection Distribuidora. A direção é de Wagner de Assis, que se notabilizou pela franquia *Nosso Lar*, inspirada nos livros da série "A Vida no Mundo Espiritual", e pelo longa *Kardec: A História por Trás do Nome* (2019).

Com elenco internacional e filmado entre EUA e Brasil, a cinebiografia, carregada de emoção e suspense, conta a trajetória das irmãs Leah, Kate e Maggie Fox, que foram pioneiras das sessões espirituais e iniciaram um movimento que se espalhou pelo mundo. A trama acompanha os eventos históricos iniciados em março de 1848, em Hydesville, na Costa Leste dos EUA,

quando fenômenos inexplicáveis passaram a ocorrer na casa de fazenda onde as adolescentes Kate e Maggie Fox moravam. Através de batidas nas paredes da casa, elas estabeleceram, com a ajuda da irmã mais velha Leah, uma conexão com os Espíritos, que passaram a comunicar-se com elas, exercendo, assim, um papel fundamental na origem do moderno espiritualismo ocidental. As irmãs enfrentaram o preconceito dos radicais, que as queriam queimadas como bruxas, e o descrédito dos cientistas, ao mesmo tempo em que lidavam com fenômenos totalmente desconhecidos àquela época.

Com a rápida expansão desse movimento, reconhecidas principalmente pelo fenômeno das mesas girantes — amplamente difundido nos EUA e que migrou para a Europa — as irmãs ganharam notoriedade e começaram a viajar. Suas sessões serviam de consolo e apoio às famílias que buscavam notícias de entes queridos desencarnados.

A produção buscou autenticidade histórica, ambientando a narrativa nos interiores de casarões antigos do Rio de Janeiro e em ruas, fazendas e casarios nos Estados Unidos, com o objetivo de recriar a região rural do século XIX e percorrer três momentos distintos da história: 1858, 1868 e 1888.

Para o diretor Wagner de Assis, este é um filme de reparação com a realidade dos fatos e de reconhecimento dessas figuras fundamentais para a história do espiritualismo. “Até hoje não se sabe realmente sobre elas, que eram consideradas uma fraude por muitas fontes. Além disso, do ponto de vista cinematográfico, é uma história de ascensão e queda de mulheres importantes que a história tentou apagar”, destaca.

Baseado em fatos e em livros, como *O elo perdido no espiritualismo moderno*, recentemente lançado no Brasil o longa-metragem conta com um elenco multinacional protagonizado pelas norte-americanas Jamie Hughes (Leah), Sionne Elise (Maggie) e Marie Mchugh (Kate).

Educação espírita interrompida

| **Martha** Rios Guimarães | marthinharg@yahoo.com.br

Muitas casas espíritas já passaram pela experiência de ver o departamento de educação espírita infantojuvenil nascer, funcionar por um período e encerrar as atividades.

As causas mais citadas para isso são: falta de tarefeiros, queda no número de educandos, mudanças na direção da casa, prioridades institucionais focadas em outras frentes. Isso revela uma possível falta de estrutura capaz de sustentar o trabalho para além das pessoas que, em determinado momento, estão à sua frente.

Quando a educação espírita depende de poucos tarefeiros, sem planejamento documentado, formação continuada, renovação de equipe e o devido reconhecimento institucional, ela se torna estruturalmente frágil.

Basta que esses tarefeiros adoeçam, mudem de cidade ou simplesmente desistam para que todo o trabalho desabe juntamente com eles. E o mais triste é que nem sempre as pessoas compreendem o tamanho do que está sendo perdido.

As consequências dessa interrupção

A primeira e mais evidente é o vácuo doutrinário: deixamos de oferecer às nossas crianças e jovens a formação que poderia consolidar seu vínculo com o Espiritismo.

Mas há outras.

Famílias que confiaram seus filhos à casa espírita e viram esse vínculo desfazer-se de uma hora para outra, sem explicação, frequentemente não retornam. A confiança que foi construída ao longo de anos se rompe — e raramente é reconstruída.

Os próprios educadores, que dedicaram tempo, estudo e afeto àquele trabalho, também sofrem as consequências. Muitos se afastam da casa espírita, levando à perda de capital humano formado ao longo de anos.

Em muitos casos, inclusive, há um outro ponto simbólico importante: o sinal de que a casa espírita, mesmo sem perceber, não dá prioridade à educação espírita da infância e juventude.

O que fazer para evitar a interrupção

A prevenção começa muito antes de qualquer crise: deve-se investir na estrutura do trabalho, não apenas nas pessoas que o executam. Isso significa documentar o planejamento, manter um

arquivo histórico acessível, formar continuamente novos tarefeiros e garantir que o conhecimento acumulado não dependa de uma ou duas pessoas insubstituíveis.

A formação de novos educadores deve ser permanente, com convites regulares aos frequentadores, acompanhamento de quem demonstra interesse e um processo claro de integração à equipe. Casas que cultivam esse fluxo constante raramente enfrentam o colapso súbito, já que a renovação está embutida na rotina.

Quando, ainda assim, a interrupção se mostrar inevitável — e há situações em que ela realmente é justificável—, o tratamento dado a esse momento faz toda a diferença. A direção da casa deve assumir a decisão com transparência, comunicando às famílias o que está acontecendo e por quê, em vez de deixar que o trabalho simplesmente se esvazie sem explicação.

Os educadores, que dedicaram seu tempo, merecem reconhecimento formal pelo que construíram. Já o material produzido ao longo dos anos deve ser preservado, catalogado e disponibilizado para quando, no futuro, o trabalho puder ser retomado.

Havendo educandos, é preciso criar uma forma de recebê-los, mesmo que de forma recreativa, enquanto a interrupção é solucionada. Dependendo da situação, uma saída pode ser buscar outra instituição próxima para recebê-los durante a pausa.

No fundo, o que está em jogo é uma questão de respeito ao público envolvido na tarefa e à própria Doutrina, que nos ensina que toda obra construída com responsabilidade merece ser tratada com seriedade até o fim.

Interromper um trabalho é difícil e doloroso, mas o problema maior é fazer isso em silêncio, como se ele nunca tivesse importado. Portanto, cabe à direção estar atenta e corrigir as falhas antes de chegar a esse ponto.

Mas, se um dia a pausa for realmente necessária, que ela aconteça com a mesma dignidade com que esse trabalho foi conduzido ao longo de sua existência. E, de preferência, acompanhada de um plano eficiente para retomá-lo com a maior brevidade possível.

ASSINE A RIE

Gostou deste conteúdo? A Revista Internacional de Espiritismo está disponível para assinaturas no endereço https://assinaturas.oclarim.com.br, em versão impressa ou digital. Acesse e nos ajude a divulgar o Espiritismo.